Ministério da Educação e do Desporto

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

Resultados do SAEB/95

ESTADO DE GOIÁS

MEC/Bird
Projeto Nordeste

Brasília – 1998

DAEB
Diretoria de Avaliação da Educação Básica

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Equipe Técnica do DAEB

TIRAGEM: 200 exemplares.

INEP – Esplanada dos Ministérios, Bloco L,
Anexos I e II - 4º andar 70047-902 Brasília-DF
Fone: (061) 224-1573 Fax: (061) 224-7719

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.
Resultados do SAEB/95: Estado de Goiás / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. – Brasília: O Instituto, 1998.
57p. il.: tabs.

1. Educação básica. 2. Qualidade da educação. I. Sistema Nacional de Educação Básica. II. Título.

CDU 37.014.12

Sumário

Apresentação 05

I – Introdução 07

1 - As Habilidades e Conteúdos Examinados 08

2 - Elaboração das Escalas de Proficiência 10

II – Resultados em Língua Portuguesa (Leitura) e Matemática 15

1 - Proficiência Média em Língua Portuguesa (Leitura) e Matemática, no Brasil e nas Diferentes Regiões do País 16

2 - Proficiência Média em Língua Portuguesa (Leitura) e Matemática, na Região Centro-Oeste e em Goiás 16

3 - Proporção de Alunos, da Região Centro-Oeste, acima dos Níveis de Desempenho em Língua Portuguesa (Leitura) 17

4 - Proporção de Alunos, da Região Centro-Oeste, acima dos Níveis de Desempenho em Matemática 18

5 - Proficiência Média, segundo o Perfil do Aluno, no Brasil, nas Regiões e em Goiás 18

6 - Proficiência Média por Tipo de Escola, no Brasil, nas Regiões e em Goiás 25

III – Aspectos Relevantes Referentes aos Fatores Contextuais da Região Centro-Oeste e de Goiás 29
1 - Perfil dos Alunos Pesquisados 30
2 - Perfil dos Professores dos Alunos Pesquisados 35
3 - Perfil dos Diretores das Escolas 36
4 - Recursos Físicos das Escolas 37
5 - Recursos Pedagógicos das Escolas 40
6 - Gestão das Escolas 42
7 - Processo Pedagógico das Escolas 46

IV – Considerações Finais 55

V – Referências Bibliográficas 57

Apresentação

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) tem como objetivo essencial fornecer subsídios para a definição de políticas orientadas para a melhoria da qualidade, eqüidade e eficiência da educação no Brasil. Para cumprir esse papel estratégico, o SAEB realiza a cada dois anos uma pesquisa nacional por amostragem que permite avaliar os conhecimentos e as habilidades dos alunos das séries de final de ciclo – 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio – e identificar os fatores escolares e extra-escolares que incidem diretamente sobre o processo de aprendizagem e que podem estar influindo no desempenho dos alunos.

Realizado pela primeira vez em 1990, desde então o SAEB passou por progressivos aperfeiçoamentos técnicos e metodológicos, com ganhos qualitativos evidentes em cada um dos ciclos seguintes (1993, 1995 e 1997). Por isso, este sistema conta hoje com grande credibilidade entre especialistas e dirigentes educacionais e tem sido decisivo para a implantação e disseminação de processos de avaliação da Educação Básica no Brasil. Seu efeito indutor de mudanças já se fez sentir em muitos estados e municípios que, a partir da análise dos resultados do SAEB, vêm adotando políticas e estratégias para superar os problemas evidenciados pela pesquisa.

Em 1995, o SAEB inovou em vários aspectos, entre os quais merecem especial destaque: a inclusão do Ensino Médio e da rede privada de ensino no escopo da pesquisa; a adoção de técnicas mais acuradas de medição do desempenho dos alunos, estabelecendo parâmetros que permitem a comparabilidade dos resultados; a incorporação de instrumentos para levantamento de dados sobre características socioeconômicas e culturais dos alunos; a redefinição das séries objetos de análise, selecionando as séries conclusivas de cada ciclo. Com estas mudanças, o SAEB consolidou-se como o principal instrumento de avaliação e monitoramento da Educação Básica.

Este relatório foi cuidadosamente planejado e preparado com o objetivo de disseminar de forma dirigida os resultados do SAEB/95, favorecendo assim o seu uso pelos sistemas de ensino. É com esta intenção que apresentamos nesta publicação um quadro descritivo da aprendizagem dos alunos desse estado, contextualizado a partir de um elenco de fatores escolares e extra-escolares que podem ajudar a explicar os seus atuais níveis de desempenho. Após uma breve introdução, que destaca os principais resultados nacionais e regionais do SAEB, é apresentado um resumo dos resultados do SAEB/95 nessa região e nesse estado, permitindo assim uma visão mais completa sobre a realidade educacional do estado.

Acreditamos que a iniciativa do INEP de divulgar relatórios específicos com os resultados do SAEB por unidade da Federação contribuirá para evidenciar uma série de problemas que cada Estado enfrenta na área educacional e que merecem ser abordados prioritariamente na formulação das suas políticas para a melhoria da qualidade da Educação Básica. Este relatório oferece, portanto, informações que poderão ser utilizadas pelas secretarias estaduais e municipais de educação para fazer um diagnóstico mais preciso dos problemas apresentados por suas redes de ensino, estabelecendo a partir daí medidas eficazes para corrigi-los.

Como corolário, o SAEB apóia os esforços que já estão sendo empreendidos pelos estados e municípios para elevar a qualidade do ensino, respondendo assim à demanda da sociedade brasileira. Hoje, há um amplo consenso de que para melhorar a educação são condições indispensáveis o desenvolvimento do regime de colaboração entre os três níveis de governo e a mobilização da sociedade.

MARIA HELENA GUIMARÃES DE CASTRO
Presidente do INEP

I – Introdução

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) tem por objetivo a monitoria dos resultados das políticas educacionais, visando à melhoria da qualidade do Ensino Básico do País. Realizado pela primeira vez em 1990 e, posteriormente, em 1993, 1995 e 1997, a divulgação dos resultados do SAEB tem contribuído para a melhoria das estratégias e políticas adotadas por estados e municípios, no sentido da superação de antigos problemas do ensino.

Em 1995, algumas inovações foram feitas na perspectiva de aperfeiçoar o sistema:

- definiu-se que seriam pesquisadas as séries que representam a conclusão de um ciclo: 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e a 3ª série do Ensino Médio;
- ampliando-se a amostragem anterior, constituída de alunos do Ensino Fundamental e da rede pública apenas, incluiu-se o Ensino Médio e a rede particular de ensino;
- foram introduzidas novas metodologias e técnicas estatísticas de análise e interpretação de resultados.

Os dados do SAEB/95 referem-se a amostras aleatórias de 2.839 escolas, 3.453 turmas e 90.499 alunos, das 27 Unidades Federadas e nove regiões metropolitanas do País. A seleção dos alunos foi feita em três etapas, referentes à seleção de municípios, escolas e turmas das séries investigadas. Em média, foi selecionada uma turma em cada escola. Na Tabela 1 encontram-se detalhados os números de escolas, turmas e alunos pesquisados na amostra do SAEB/95, por série.

Tabela 1 – Número de escolas, turmas e alunos efetivamente pesquisados na amostra do SAEB/95, por Série Brasil e Regiões, 1995

		4ª SÉRIE ENS. FUND.			8ª SÉRIE ENS. FUND.			3ª SÉRIE ENS. MÉDIO			TOTAL		
UF	MUN	ESC	TUR	ALU	ESC	TUR	ALU	ESC	TUR	ALU	ESC	TUR	ALU
N	99	178	208	4.811	174	220	5.612	91	120	3.154	443	548	13.577
NE	266	291	330	7.962	302	351	9.994	194	238	6.266	787	919	24.222
SE	109	178	199	5.242	174	226	6.528	122	160	4.573	474	585	16.343
S	94	124	131	2.912	120	151	3.971	74	91	2.241	318	373	9.124
CO	66	108	121	3.192	100	127	3.330	69	82	2.121	277	330	8.643
BR	634	879	989	24.119	870	1.075	29.435	550	691	18.355	2.299	2.755	71.909

Fonte: SAEB

Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram questionários e testes de rendimento acadêmico.

Questionários

Através dos questionários, procurou-se identificar alguns fatores contextuais e escolares que, segundo estudos realizados, influem no rendimento acadêmico dos alunos. Os questionários dirigidos a diretores, professores e alunos levantam informações a respeito da infra-estrutura dos prédios escolares, dos recursos pedagógicos e materiais existentes na unidade escolar, do perfil do diretor e dos professores, dos mecanismos de gestão escolar, da prática pedagógica dos professores e das características socioculturais e hábitos de estudo dos alunos.

Testes de rendimento acadêmico

Para avaliar o domínio de conteúdos e as habilidades dos alunos nas áreas de Língua Portuguesa (Leitura) e Matemática, foram construídos 1.236 itens de múltipla escolha que, por sua vez, foram elaborados a partir de matrizes curriculares resultantes de um extenso processo de negociação e colaboração entre o Ministério e as Secretarias Estaduais de Educação.

Os cadernos de teste respondidos pelos alunos foram montados seguindo um planejamento que previa que à população avaliada fosse aplicado um grande número de itens e que cada aluno só respondesse a um subconjunto desses itens – entre 30 e 39 questões. Dessa forma, a avaliação cobriria um amplo espectro do currículo, não sendo necessário que cada aluno avaliado respondesse a questões cobrindo todo o espectro. Em outras palavras, o SAEB/95 permite uma avaliação bastante abrangente do currículo, não sendo seu objetivo, porém, avaliar alunos individualmente, mas sim a eficiência do sistema como um todo.

1 – As Habilidades e Conteúdos Examinados

Língua Portuguesa (Leitura)

Para a avaliação de Leitura foram apresentados aos alunos textos de acordo com a seguinte tipologia textual:

Quadro 1 – Tipos de Textos Utilizados para a Avaliação dos Níveis de Proficiência dos Alunos em Leitura

Literários	Não-Literários	
Narrativas	Artigos de jornais e revistas	Circulares
Contos	Anúncios	Cheques
Lendas	Propagandas	Guias de depósito
Fábulas	Cartazes	Receitas culinárias
Poesias	Dicionários	Mapas
Letras de músicas	Enciclopédias	Horários
	Índices	*Charges*
	Bilhetes	Quadrinhos
	Telegramas	Bulas de remédios

As habilidades de leitura foram classificadas em três categorias de acordo com o grau de inferência implicada na leitura dos textos propostos no teste:

a) **Estabelecimento de significado**: leitura do que está explícito no texto, identificação do significado mais aparente e reconhecimento do sentido dado pelo autor. Neste nível de habilidade, o leitor reconhece o tema ou assunto do texto, distingue uma idéia principal de outra acessória, identifica a seqüência lógica dos fatos, localiza passagens do texto, reconhece o enredo, o cenário, os personagens, o tempo e o narrador e distingue o significado dos vocábulos e expressões.

b) **Extensão do significado**: leitura de significados não explicitados claramente no texto mas decorrentes de relações entre o texto e os conhecimentos anteriores do leitor. O leitor faz inferências para além do que é dito claramente pelo autor. Neste nível de habilidade, é possível reconhecer diferentes tipos de texto, diferenciar fontes verbais e não-verbais, apresentar conclusões sobre informações ou fatos relacionados no texto, analisar fatos e informações a partir do contexto e experiência pessoal, diferenciar fato de opinião e fazer inferências com base em idéias ou informações do texto.

c) **Exame crítico do significado**: leitura que leva em consideração sentidos implícitos no texto, suas relações com outros textos e a construção de um juízo a respeito do tema. Neste nível de habilidade, o leitor apreende o ponto de vista do autor, percebe elementos estruturais do texto, a composição dos personagens, a coerência de idéias e informações, faz uma análise de recursos expressivos utilizados pelo autor, tais como ironia, humor e dramaticidade e analisa fatos ou informações implícitos, relacionando-os a elementos explícitos no texto.

Matemática

Em Matemática foram consideradas cinco áreas de conteúdo:

As habilidades em Matemática foram classificadas em três categorias:

Quadro 2 – Áreas de Conteúdo Consideradas na Avaliação de Matemática

Números e Operações	Medidas	Geometria	Análise de dados, Estatística e Probabilidade	Álgebra e Funções
◆ Números naturais, irracionais e reais; ◆ Razões, proporções e porcentagens; ◆ Adição, subtração, divisão, potenciação e radiciação.	◆ Conversão de uma unidade de medida em outra; ◆ Cálculo de áreas, perímetros e volumes; ◆ Estimação de resultados e sua expressão; ◆ Medidas de tempo, temperatura, comprimento, área, volume e capacidade.	◆ Relação de posição de objetos no plano e no espaço; ◆ Construção de figuras geométricas de duas ou três dimensões; ◆ Conhecimento de propriedades das figuras geométricas; ◆ Percepção de simetrias, regularidades, congruências e semelhanças.	◆ Informações em gráficos e tabelas; ◆ Leitura e interpretação de gráficos; ◆ Médias; ◆ Acontecimentos previsíveis e aleatórios e estimativa de probabilidade.	◆ Descrição, extensão e criação de seqüências e relações entre grandezas; ◆ Resolução de operações algébricas envolvendo números reais e expressões algébricas; ◆ Uso de fórmulas, equações e inequações; ◆ Reconhecimento das diversas maneiras de representar funções.

a) **Compreensão de conceitos**: reconhecer, dar nomes e apresentar exemplos de um conceito; usar modelos, diagramas e símbolos para representar um conceito, bem como reconhecer, interpretar e ampliar tais símbolos. Por conceito, entenda-se: termos, definições, princípios. Basicamente, um conceito responde à pergunta: **O que é?**

b) **Conhecimento e utilização de procedimentos**: selecionar e aplicar corretamente os procedimentos adequados; usar corretamente algoritmos matemáticos; interpretar e produzir gráficos e construções geométricas. Por procedimentos, entenda-se: cálculos, formulações, construções, estimações, execução de algoritmos, manipulações algébricas. Basicamente, um procedimento responde à pergunta: **Como se faz?**

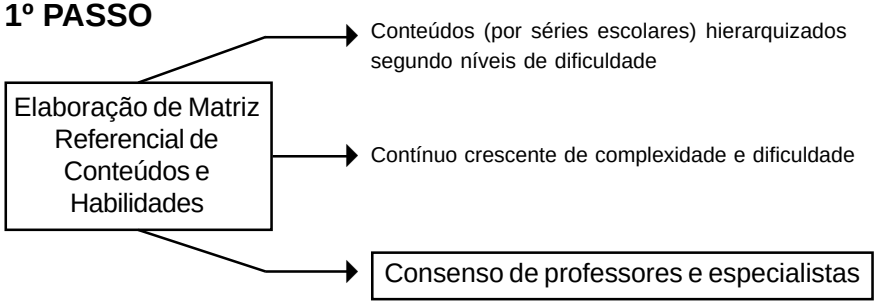
c) **Aplicação ou resolução de problemas:** selecionar e usar estratégias, modelos e procedimentos matemáticos apropriados; usar raciocínio lógico e espacial, indutivo e dedutivo, estatístico e proporcional; reconhecer e formular problemas; compreender a consistência e a suficiência dos dados e verificar se as soluções são corretas; reunir provas, fazer inferências e solucionar problemas do dia-a-dia expressos em linguagem não-matemática. Basicamente, uma aplicação responde à pergunta: **Para que serve?**

2 – Elaboração das Escalas de Proficiência

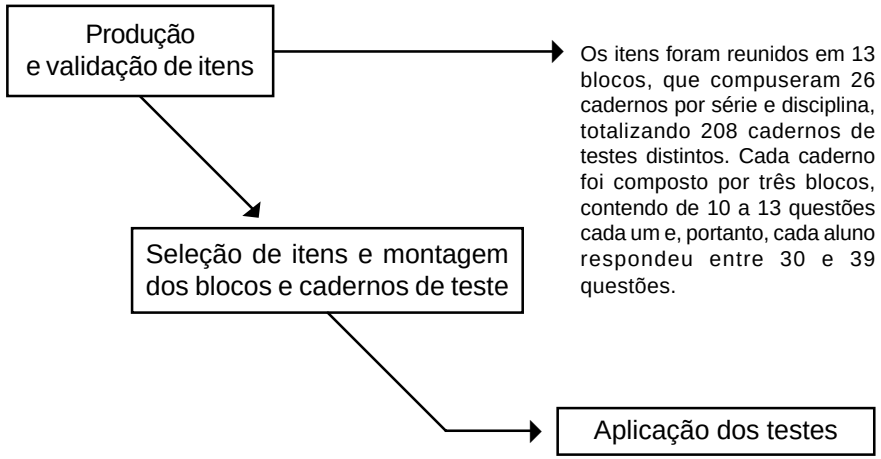
Neste documento, são apresentados os resultados obtidos pelos alunos no SAEB/95 calculados com base na Teoria de Resposta ao Item (TRI), que pressupõe a existência de uma variável denominada proficiência. Por proficiência entende-se o conjunto de habilidades demonstradas pelo desempenho dos alunos em Matemática e Língua Portuguesa (Leitura): o que sabem, compreendem e são capazes de fazer.

Com base nessa teoria (TRI), é possível estimar as proficiências de todos os alunos numa escala curricular comum. O processo de elaboração das escalas está esquematizado a seguir:

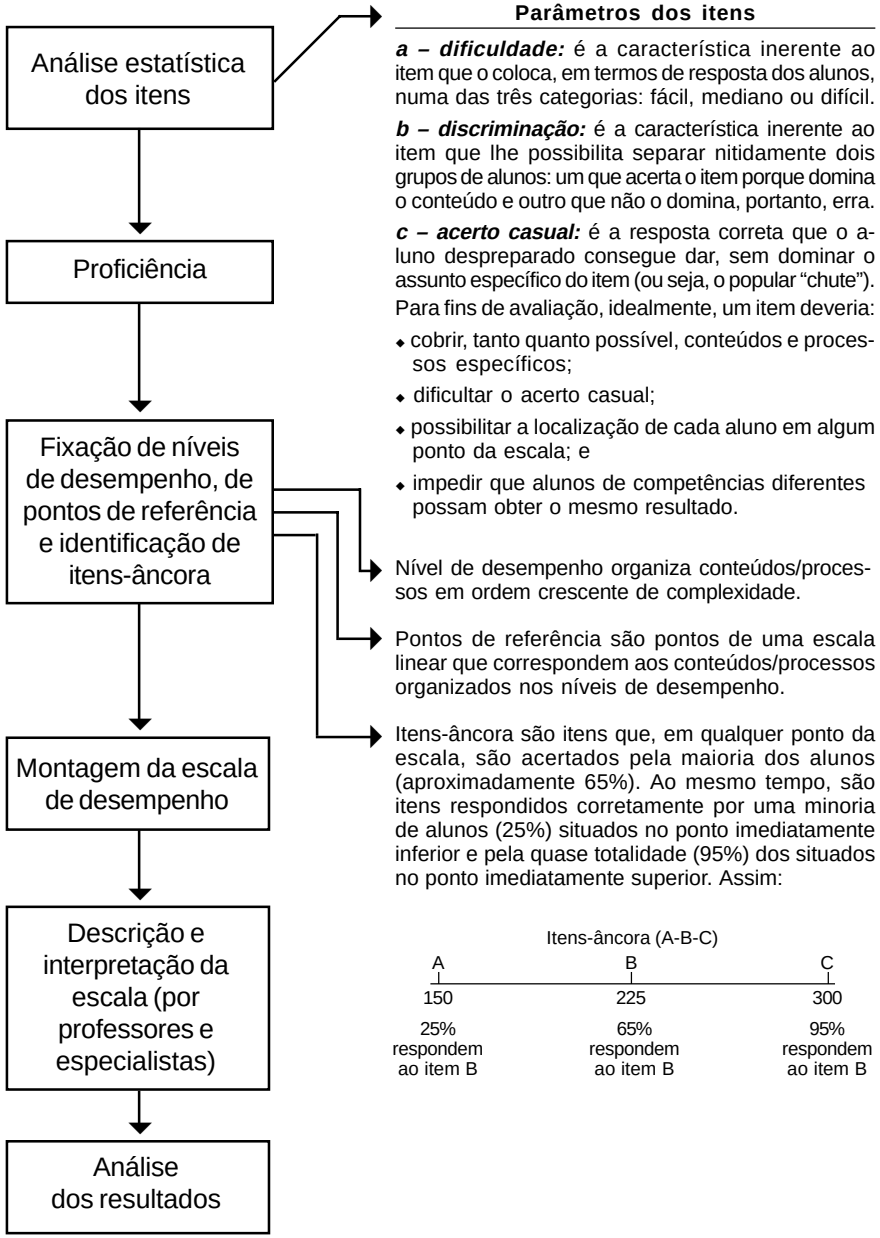
1º PASSO



2º PASSO



3º PASSO



Para interpretar as escalas de proficiência, foram selecionados pontos da escala razoavelmente espaçados e neles localizados itens que discriminam os desempenhos dos alunos situados em torno desses pontos (os itens-âncora). Os pontos selecionados da escala – 150, 225, 300 e 375 – correspondem em níveis de desempenho, descritos em termos de conteúdos e processos cognitivos efetivamente dominados pelos alunos cuja proficiência se aproxima de seus valores.

As descrições dos níveis de desempenho são apresentadas nas duas figuras incluídas a seguir. É importante ressaltar que as descrições são progressivas e cumulativas, no sentido de que os conhecimentos e habilidades descritos em um nível inferior estão contidos nos níveis superiores.

FIGURA 1 – NÍVEIS DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA (LEITURA)

- Mostram compreensão literal e leitura fragmentária.
- Reconhecem informações e pormenores e conseguem fazer seleção de informações simples.
- Fazem interpretação de caráter limitado: estabelecem relações diretas entre fatos, idéias e conceitos sem usar suporte inferencial abstrato.

- Abordam textos extensos, sem perder significado, e lidam com textos práticos (telegrama, circular, manual de instrução), fazendo inferências a partir de informações contidas no texto.
- Percebem relações entre fatos principais e secundários e identificam características específicas de personagens.
- Trabalham com tipologia textual variada, estabelecendo relação entre fatos e temas comuns.

- Trabalham com desenvoltura com variada tipologia de textos, sendo capazes de integrar, entre si, partes de textos diversos.
- Sintetizam a idéia principal a partir da análise do conjunto e não por detecção em fragmentos.
- Relacionam informações com sua vivência pessoal, ampliando a compreensão do texto.
- Fazem inferências tanto textuais como extratextuais, construindo relações lógicas e temporais, relacionando texto e contexto.
- São capazes de depreender o objetivo do autor.

- São capazes de ler o figurativo complexo, localizando a seqüência lógica, detectando similaridades e diferenças e estabelecendo relações de causa e efeito.
- Mostram domínio de vocabulário e conceitos mais complexos, associando idéias nos níveis denotativo e conotativo.
- Diferenciam termos específicos de textos informativos e jornalísticos.
- Percebem e distinguem a crítica, a ironia e o humor contidos na linguagem, no estilo do autor do texto.

	4ª	8ª	3ª
Brasil	177	252	277
Norte	154	238	262
Nordeste	160	227	253
Sudeste	187	262	285
Sul	181	257	283
Centro-Oeste	185	252	283

PROFICIÊNCIAS MÉDIAS DAS SÉRIES (4ª e 8ª do Ensino Fundamental e 3ª do Ensino Médio)

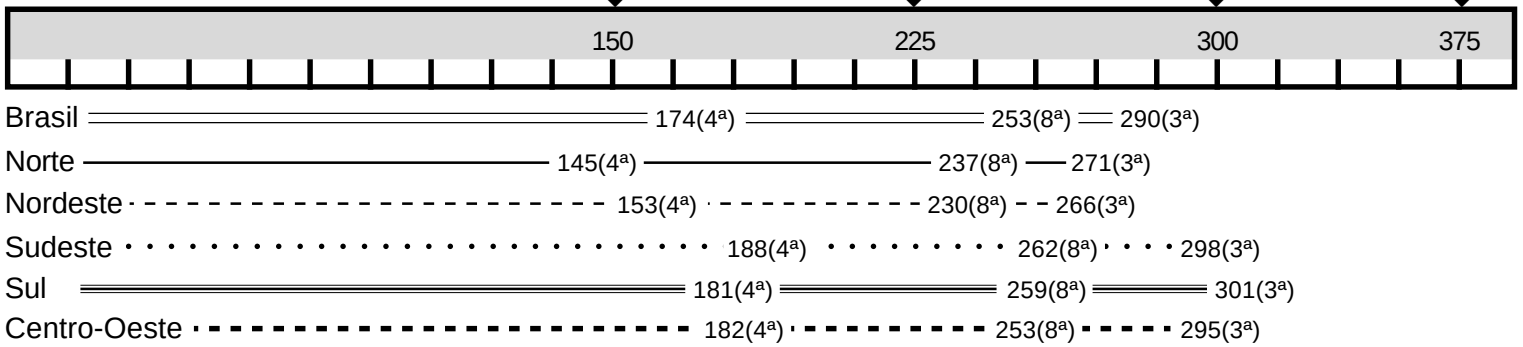
FIGURA 2 – NÍVEIS DE PROFICIÊNCIA EM MATEMÁTICA

- Identificam grandezas.
- Reconhecem uma representação gráfica de números fracionários.
- Adicionam frações com o mesmo denominador.
- Constroem uma fração, dados o seu numerador e o seu denominador.
- Efetuam adições de dois números naturais de até cinco algarismos.
- Conhecem unidades de medida de massa e unidades de medida de comprimento.
- Resolvem problemas concretos envolvendo unidades monetárias.

- Demonstram conhecimento consolidado das quatro operações com números naturais e resolvem problemas simples aplicando-as.
- Reconhecem regras que relacionam duas seqüências de números inteiros.
- Identificam termos desconhecidos em sentenças matemáticas.
- Ordenam números fracionários em ordem crescente e decrescente.
- Operam com números fracionários.
- Resolvem problemas simples envolvendo frações.
- Operam com números decimais.
- Sabem efetuar conversões com medidas de comprimento.
- Sabem selecionar unidades apropriadas para medidas de superfície.
- Relacionam dados de tabelas simples com gráficos de setores.
- Interpretam gráficos de barras.
- Conhecem unidades de tempo e efetuam suas conversões.

- Dominam o algoritmo e os conceitos envolvendo as quatro operações e sabem aplicá-las na resolução de problemas de mais de um passo.
- Reconhecem o valor posicional relativo de um algarismo e sabem aplicar este conceito para obter o maior número que se pode formar com algarismos dados.
- Reconhecem frações equivalentes, lidam com frações em forma decimal e sabem empregar aproximações para inteiros para facilitar o cálculo com decimais.
- Operam com números inteiros relativos, utilizam regra de três e calculam porcentagens.
- Ordenam números fracionários em ordem crescente e decrescente.
- Operam com números fracionários.
- Identificam leis de formação de seqüências formadas por inteiros ou por figuras geométricas.
- Resolvem equações simples de 1º grau e aplicam propriedades simples de números em progressão aritmética.
- Sabem operar com monômios.
- Discriminam ângulos agudos, retos e obtusos. Identificam ângulos opostos pelo vértice como congruentes.
- Reconhecem retas paralelas. Aplicam proporcionalidade em triângulos semelhantes ou em retas cortadas por um feixe de paralelas.
- Interpretam gráficos cartesianos.
- Relacionam dados envolvendo porcentagem com gráficos de setores.
- Estimam volumes por meio de cálculos e efetuam conversões de unidades de medida de massa e as aplicam em problemas simples.

- Sabem posicionar um número fracionário positivo entre dois inteiros.
- Efetuam expressões com frações envolvendo as quatro operações e sabem efetuar divisão de números decimais.
- Resolvem problemas simples envolvendo frações e porcentagens.
- Sabem calcular aproximação inteira de raiz quadrada não exata de números inteiros.
- Aplicam propriedades simples de progressões geométricas.
- Constroem matrizes (ou seqüências bivariadas) através de lei recursiva de formação.
- Resolvem sistemas de 1º grau.
- Lidam com polinômios.
- Sabem fatorar expressões algébricas e aplicá-las na simplificação de frações algébricas.
- Simplificam expressões envolvendo radicais.
- Dominam os conceitos básicos relativos a equações do 2º grau e trabalham com funções simples.
- Aplicam a definição de logaritmo.
- Resolvem problemas simples envolvendo probabilidade.
- Resolvem problemas envolvendo ângulos, áreas e volumes de figuras simples.
- Resolvem problemas envolvendo ângulos, áreas e volumes de figuras simples.
- Operam com conceitos simples relativos a círculo, tangente e ângulo central de um setor.



PROFICIÊNCIAS MÉDIAS DAS SÉRIES (4ª e 8ª do Ensino Fundamental e 3ª do Ensino Médio)

II – Resultados em Língua Portuguesa (Leitura) e Matemática

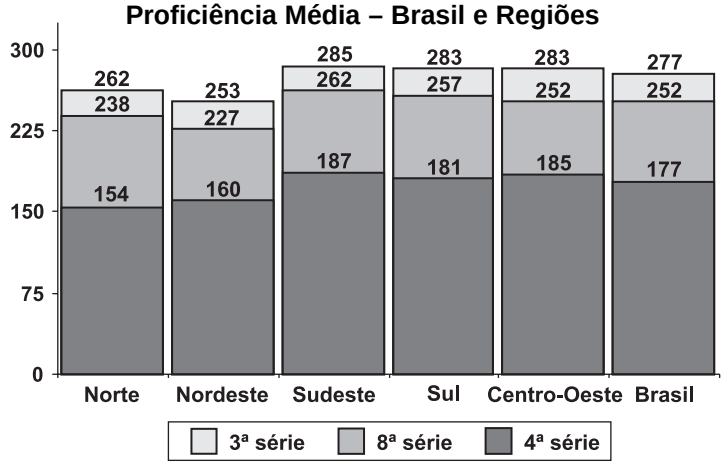
Os resultados do SAEB/95 demonstram que, nas três séries e duas disciplinas avaliadas, as proficiências médias obtidas pelos alunos variam de uma região para outra do País (ver Gráficos 1 e 2).

Dentro de uma mesma região, quando comparamos as proficiências médias dos alunos dos distintos estados, percebemos que as diferenças, nas três séries e nas duas disciplinas avaliadas, são pequenas e praticamente desaparecem quando se leva em conta o erro amostral. Assim, os dados devem ser vistos com cautela: comparações entre regiões ou estados são possíveis, desde que se leve em conta o erro amostral e os dados sejam vistos como indicadores de relevos e tendências.

As diferenças de proficiência observadas nos Gráficos 1 e 2 poderão ser melhor compreendidas se inseridas no quadro das desigualdades regionais, no que se refere à distribuição de renda, condições de acesso e qualidade dos serviços ofertados. Pretende-se, neste boletim, atentar para um conjunto de fatores relacionados à proficiência dos alunos: a localização geográfica das escolas, as condições de uso e manutenção dos recursos físicos e equipamentos, o perfil dos professores e diretores, as formas de gestão da escola e o perfil socioeconômico e cultural dos alunos.

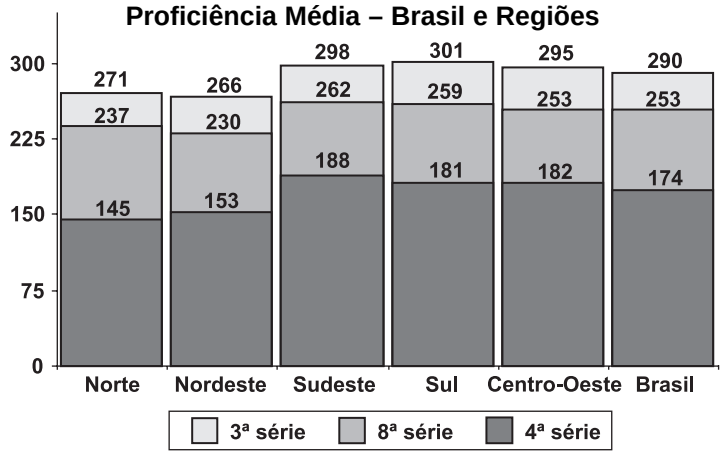
Nenhum destes fatores isoladamente é capaz de explicar os níveis de proficiência demonstrados pelos alunos pesquisados, mas o reconhecimento das desigualdades e da necessidade de investimentos diferenciados em função da situação local é ponto de partida para a promoção da eqüidade.

Gráfico 1: Português
Proficiência Média – Brasil e Regiões



Fonte: MEC/INEP/DAEB

Gráfico 2: Matemática
Proficiência Média – Brasil e Regiões



Fonte: MEC/INEP/DAEB

1 – Proficiência Média em Língua Portuguesa (Leitura) e Matemática, no Brasil e nas Diferentes Regiões do País

Observando-se nos Gráficos 1 e 2 os níveis de proficiência média em Língua Portuguesa (Leitura) e Matemática, no Brasil e nas regiões, constata-se que:

- o nível de rendimento dos alunos é muito baixo, aquém do desejável para o País como um todo;
- há uma mudança expressiva de nível de proficiência da 4ª série para a 8ª série do Ensino Fundamental;
- o aumento de proficiência é bem menos expressivo da 8ª série do Ensino Fundamental para a 3ª série do Ensino Médio;
- na Região Centro-Oeste, os alunos das três séries pesquisadas apresentam em Língua Portuguesa (Leitura) e Matemática, na 4ª série do Ensino Fundamental e na 3ª série do Ensino Médio, proficiências médias acima das médias nacionais. Na 8ª série do Ensino Fundamental, as proficiências médias dos alunos pesquisados da Região Centro-Oeste são iguais às médias nacionais, nas duas disciplinas avaliadas.

2 – Proficiência Média em Língua Portuguesa (Leitura) e Matemática, na Região Centro-Oeste e em Goiás

Na Região Centro-Oeste, é possível perceber algumas diferenças, quando comparamos os diferentes estados, no que se refere à proficiência média demonstrada pelos alunos das três séries avaliadas, tanto em Leitura quanto em Matemática.

Entendendo por proficiência o que o aluno demonstra saber, compreender e ser capaz de fazer, em Goiás, no que se refere às proficiências médias dos alunos de 4ª série do Ensino Fundamental, observa-se que estas são superiores tanto às médias nacionais quanto às médias da região, tanto em Leitura como em Matemática (Tabelas 2 e 3). Já com relação às proficiências médias dos alunos de 8ª série do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio, podemos constatar que estas são inferiores às médias nacionais e regionais, nas duas disciplinas avaliadas.

Tabela 2 – Proficiência Média em Leitura, por Série
Brasil, Região Centro-Oeste e Estados da Região Centro-Oeste – 1995

UF	Ensino Fundamental		Ensino Médio
	4ª	8ª	3ª
BR	**177**	**252**	**277**
CO	**185**	**252**	**283**
GO	**192**	**250**	**282**
MT	153	243	268
MS	183	247	273
DF	203	269	302

Fonte: MEC/INEP/DAEB

No que diz respeito às proficiências médias em Matemática demonstrada pelos alunos de Minas Gerais (Tabela 3),

observa-se que as proficiências médias dos alunos das três séries pesquisadas são superiores tanto às médias nacionais como às médias da Região.

Tabela 3 – Proficiência Média em Matemática, por Série
Brasil, Região Centro-Oeste e Estados da Região Centro-Oeste – 1995

UF	Ensino Fundamental		Ensino Médio
	4ª	8ª	3ª
BR	**174**	**253**	**290**
CO	**182**	**253**	**295**
GO	**191**	**248**	**290**
MT	157	245	272
MS	179	246	282
DF	191	275	328

Fonte: MEC/INEP/DAEB

3 – Proporção de Alunos, da Região Centro-Oeste, acima dos Níveis de Desempenho em Língua Portuguesa (Leitura)

Na Tabela 4, é possível perceber os porcentuais de alunos da Região Centro-Oeste, das três séries pesquisadas, que se encontram acima dos níveis de desempenho 150, 225, 300 e 375, em Língua Portuguesa (Leitura).

Tabela 4 – Porcentagem de Alunos acima dos Níveis de Desempenho em *Língua Portuguesa*, por *Série*
Região Centro-Oeste – 1995

NÍVEL	Português		
	4ª	8ª	3ª
150	74	98	100
225	24	75	90
300	2	13	36
375	0	0	2

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Observa-se que:

- 74% dos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental, 98% dos alunos da 8ª série do Ensino Fundamental e 100% dos alunos da 3ª série do Ensino Médio apresentam um nível de desempenho acima do *nível 150;*
- 24% dos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental, 75% dos alunos da 8ª série do Ensino Fundamental e 90% dos alunos da 3ª série do Ensino Médio superam o *nível 225;*
- 1,8% dos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental, 13% dos alunos da 8ª série do Ensino Fundamental e 36% dos alunos da 3ª série do Ensino Médio ultrapassam o *nível 300;*
- 1,5% dos alunos da 3ª série do Ensino Médio estão acima do *nível 375,* sendo que este porcentual é o maior do Brasil.

4 – Proporção de Alunos, da Região Centro-Oeste, acima dos Níveis de Desempenho em Matemática

A Tabela 5 resume os porcentuais de alunos da Região Centro-Oeste, das três séries pesquisadas, que se encontram acima dos níveis de desempenho 150, 225, 300 e 375, em Matemática.

Tabela 5 – Porcentagem de Alunos acima dos Níveis de Desempenho em *Matemática*, por *Série*
Região Centro-Oeste – 1995

NÍVEL	Matemática		
	4ª	8ª	3ª
150	72	99	100
225	23	73	93
300	2	14	44
375	0	0	7

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Conforme pode ser visto na tabela acima, existe um porcentual de alunos que, nas diferentes séries pesquisadas, apresenta um desempenho em Matemática acima dos níveis 150, 225, 300 e 375.

Observa-se que:

- 72% dos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental, 99% dos alunos de 8ª série do Ensino Fundamental e 100% dos alunos da 3ª série do Ensino Médio superam o *nível 150;*
- 23% dos alunos de 4ª série Ensino Fundamental, 73% dos de 8ª série Ensino Fundamental e 93% dos de 3ª série do Ensino Médio estão acima do *nível 225;*
- 2% dos alunos de 4ª série Ensino Fundamental, 14% dos alunos de 8ª série Ensino Fundamental e 44% dos alunos de 3ª série do Ensino Médio ultrapassam o *nível 300;*
- 7% dos alunos da 3ª série do Ensino Médio apresentam proficiência superior ao *nível 375*, sendo que este porcentual é o maior do Brasil.

5 – Proficiência Média segundo o Perfil do Aluno, no Brasil, nas Regiões e em Goiás

Existem aspectos, do que se denomina perfil do aluno, que podem acrescentar matizes ao que se considera como proficiência média. As diferenças podem ser percebidas se forem considerados alguns aspectos particulares.

Os níveis de proficiência média dos alunos, em Língua Portuguesa (Leitura) e Matemática, nas três séries pesquisadas, sofrem alterações de acordo com as variáveis: *idade, sexo*, e *cor* dos alunos, *turno em que estudam e escolaridade dos pais*, como pode ser observado a seguir.

Proficiência Média por Idade

Nos Gráficos 3 a 8, podemos observar que, em todas as regiões do País e nas três séries pesquisadas, alunos mais velhos apresentam uma tendência de desempenho inferior ao de seus colegas de série mais novos. Em outras palavras, a proficiência média dos alunos diminui com o avanço da faixa etária. A proficiência média mais elevada (quando comparamos alunos de distintas faixas etárias de uma mesma série) é a dos alunos que estão em idade considerada ideal para a série.

A existência de alunos em defasagem idade-série reveste-se, em cada região, de contornos próprios, uma vez que é produzida tanto por fatores extra-escolares relacionados à situação econômica das famílias, tais como migração e adesão precoce ao trabalho, quanto por práticas escolares excludentes que levam à reprovação e à evasão.

Por meio de pesquisas e avaliações locais que aprofundem esse diagnóstico, será possível traçar estratégias para garantir a permanência do aluno na escola, uma diminuição dos atuais níveis inaceitáveis de reprovação, assim como a aquisição de aprendizagens básicas e o acesso a múltiplas formas de culturas e conhecimentos pelos alunos.

A tendência de desempenho inferior dos alunos com defasagem de idade em relação à série por eles freqüentada coloca em questão argumentos que tentam justificar a reprovação do aluno, atribuindo-lhe papel positivo no que se refere à melhoria de sua aprendizagem.

Gráfico 3: Matemática – 4ª série do Ensino Fundamental
Proficiência Média segundo a idade do aluno

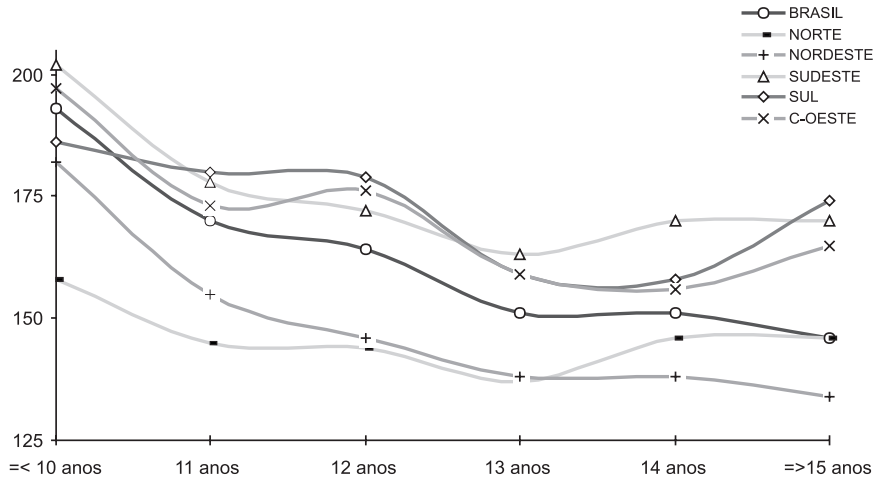


Gráfico 4: Português – 4ª série do Ensino Fundamental
Proficiência Média segundo a idade do aluno

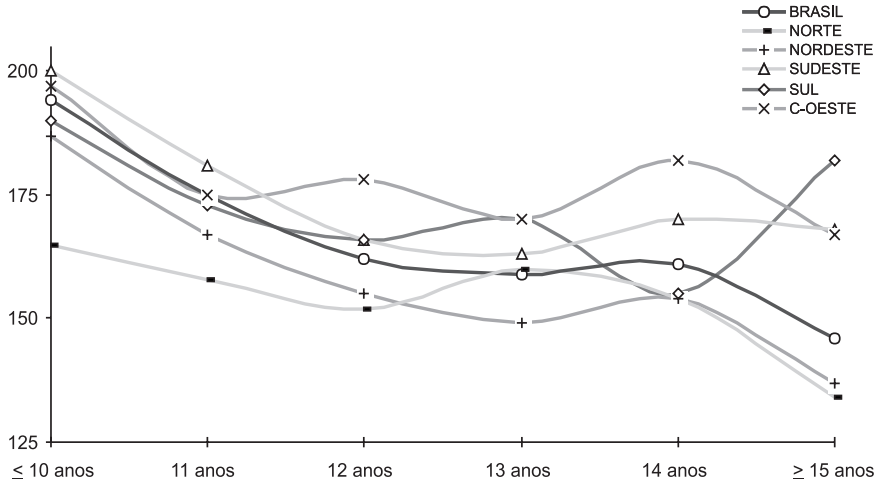


Gráfico 5: Matemática – 8ª série do Ensino Fundamental
Proficiência Média segundo a idade do aluno

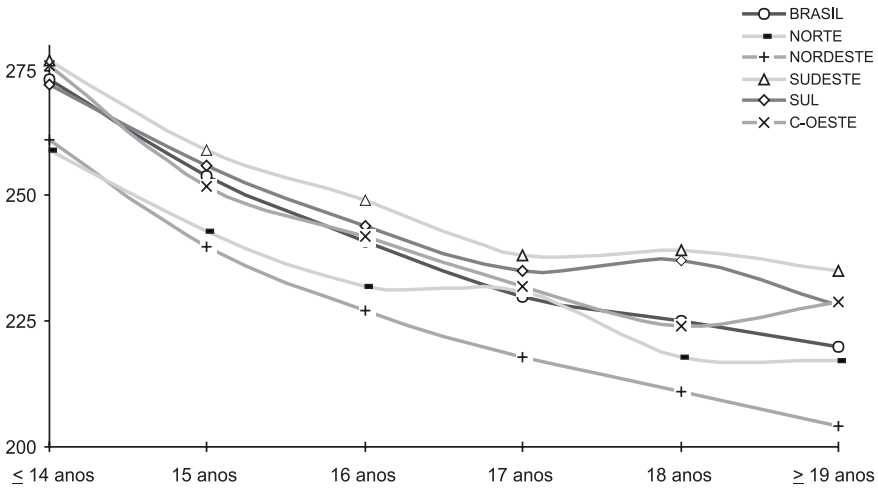


Gráfico 7: Matemática – 3ª série do Ensino Médio
Proficiência Média segundo a idade do aluno

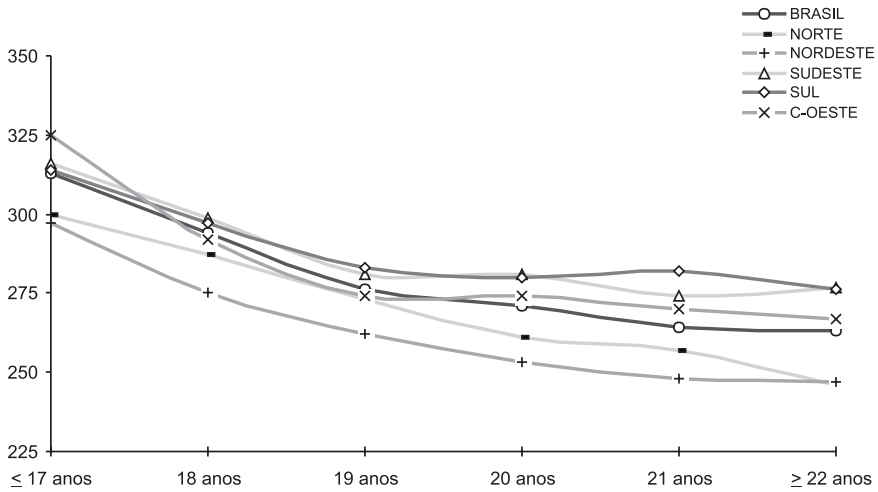


Gráfico 6: Português – 8ª série do Ensino Fundamental
Proficiência Média segundo a idade do aluno

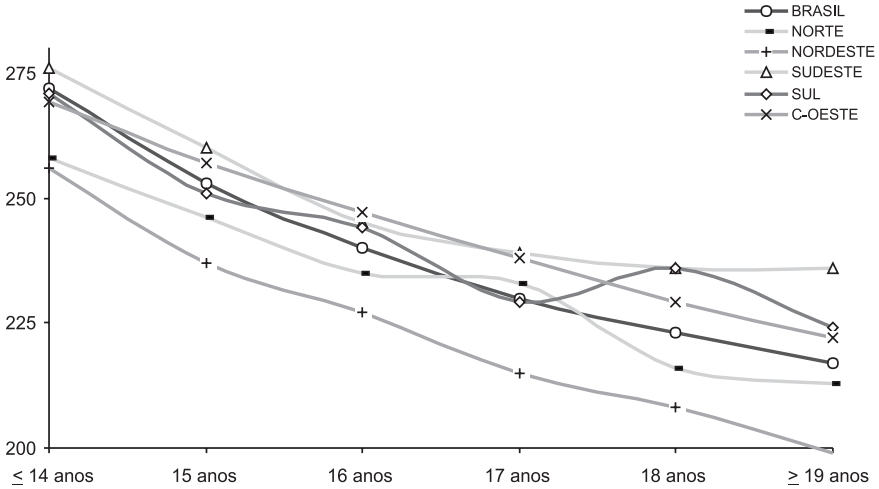
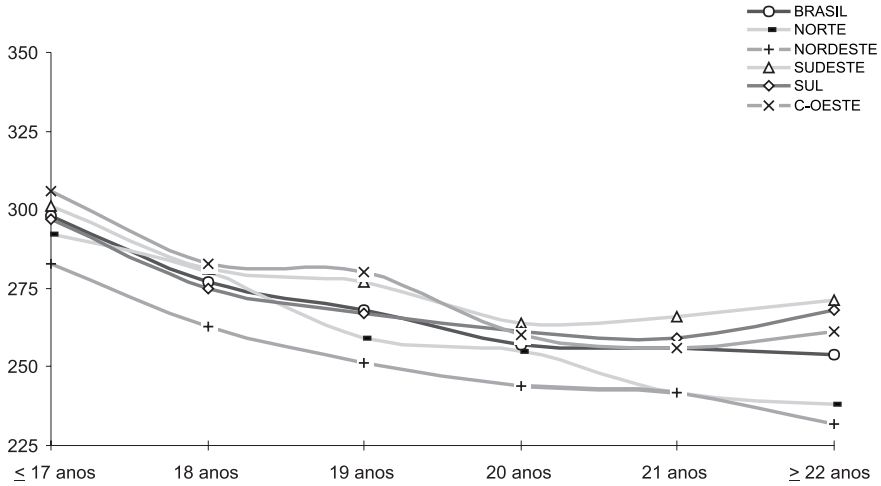


Gráfico 8: Português – 3ª série do Ensino Médio
Proficiência Média segundo a idade do aluno



Nas Tabelas 6, 7, 8, 9, 10 e 11 é possível perceber, com maior precisão, no Brasil, na Região Centro-Oeste e em Goiás, nas três séries pesquisadas, tanto em Língua Portuguesa (Leitura) como em Matemática, a tendência decrescente dos índices de proficiência média dos alunos conforme aumenta sua idade.

Em Goiás, observa-se que os índices de proficiência média dos alunos de 4ª série pesquisados tendem a ser superiores tanto às médias nacionais como regionais, nas duas disciplinas avaliadas.

Tabela 6 – Proficiência Média em Leitura, na 4ª série do Ensino Fundamental, segundo a Idade do Aluno
Brasil, Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Idade do Aluno					
	≤ 10	11	12	13	14	≥ 15
BR	194	175	162	159	161	146
CO	197	175	178	170	182	167
GO	204	183	193	168	188	-

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 7 – Proficiência Média em Matemática, na 4ª série do Ensino Fundamental, segundo a Idade do Aluno
Brasil, Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Idade do Aluno					
	≤ 10	11	12	13	14	≥ 15
BR	193	170	164	151	151	146
CO	197	173	176	159	156	165
GO	204	181	189	170	-	-

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 8 – Proficiência Média em Leitura, na 8ª série do Ensino Fundamental, segundo a Idade do Aluno
Brasil, Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Idade do Aluno					
	≤ 14	15	16	17	18	≥ 19
BR	272	253	240	230	223	217
CO	269	257	247	238	229	222
GO	268	256	248	237	228	219

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 9 – Proficiência Média em Matemática, na 8ª série do Ensino Fundamental, segundo a Idade do Aluno
Brasil, Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Idade do Aluno					
	≤ 14	15	16	17	18	≥ 19
BR	273	254	241	230	225	220
CO	276	252	242	232	224	229
GO	276	250	237	226	216	230

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 10 – Proficiência Média em Leitura, na 3ª série do Ensino Médio, segundo a Idade do Aluno
Brasil, Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Idade do Aluno					
	≤ 17	18	19	20	21	≥ 22
BR	298	277	268	257	256	254
CO	306	283	280	260	256	261
GO	305	283	289	255	-	259

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 11 – Proficiência Média em Matemática, na 3ª série do Ensino Médio, segundo a Idade do Aluno
Brasil, Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Idade do Aluno					
	≤ 17	18	19	20	21	≥ 22
BR	313	294	276	271	264	263
CO	325	292	274	274	270	267
GO	325	279	-	273	-	270

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 12 – Proficiência Média segundo o Turno, por Série e Disciplina
Brasil, Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Leitura				Matemática			
	Diurno		Noturno		Diurno		Noturno	
	8ª	3ª	8ª	3ª	8ª	3ª	8ª	3ª
BR	261	293	226	263	262	305	229	276
CO	263	302	231	266	265	320	230	273
GO	262	307	226	266	262	319	222	272

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Proficiência Média por Turno

Em todas as regiões do País, o desempenho médio dos alunos do período diurno é superior ao demonstrado pelos alunos que estudam no período noturno, tanto em Língua Portuguesa (Leitura) quanto em Matemática.

Os dados indicam a necessidade de se perseguir com determinação um trabalho educativo que considere as especificidades do aluno do noturno, sem que se percam os objetivos da aprendizagem e o direito que tem a uma educação de qualidade, uma vez que elevada porcentagem da população brasileira só se escolariza dada a existência dos cursos noturnos. Na tabela 12, esta tendência pode ser percebida com clareza, tanto na Região Centro-Oeste como em Goiás.

Proficiência Média por Sexo

Observa-se, no Brasil, uma tendência de melhor desempenho das alunas em Língua Portuguesa (Leitura) e dos alunos em Matemática. As diferenças entre as proficiências médias de alunos e alunas poderiam estar relacionadas aos tipos de textos propostos para leitura ou à realização de uma expectativa social que naturalizou o gosto dos meninos pela Matemática e das meninas pela Leitura.

Os dados sugerem a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada em relação a essa tendência, inclusive para esclarecer por que a superioridade feminina em Leitura é maior nas séries iniciais e a superioridade masculina em Matemática acentua-se no decorrer da escolaridade, uma vez que alunos e alunas têm direito a uma aprendizagem básica de qualidade, nas duas disciplinas.

Na Região Centro-Oeste (Tabela 13), percebe-se a tendência observada no Brasil dos alunos apresentarem melhor

desempenho em Matemática do que as alunas, e de estas apresentarem melhor desempenho em Língua Portuguesa. Em Goiás, a superioridade masculina em Matemática manifesta-se nas três séries pesquisadas. A superioridade feminina em Leitura, entretanto, manifesta-se somente no Ensino Fundamental.

Proficiência Média por Cor

No Brasil e nas diferentes regiões do País, nas três séries e nas duas disciplinas avaliadas, os alunos que se identificam como de cor branca e amarela têm melhor desempenho do que os que se identificam como negros e pardos.

Estas diferenças podem ser parcialmente explicadas pela mediação da variável nível socioeconômico do aluno, já que quando comparamos os alunos brancos e negros do País estamos, indiretamente, comparando alunos mais ricos e mais pobres. O que está determinando a diferença de desempenho é, então, principalmente, o nível socioeconômico do aluno e não a sua raça. No entanto, seria importante fazer uma comparação entre alunos de um mesmo nível socioeconômico mas de diferentes raças para ver se, ainda assim, observamos diferenças de resultado. Neste caso, seria possível argumentar que a raça do aluno influencia o seu desempenho.

Este dado, no entanto, não justificaria argumentações racistas sobre uma suposta menor competência ou capacidade de alunos negros na escola. O que revelaria é o preconceito da escola, ou a sua falta de competência para ensinar alunos de diferentes raças ou etnias.

As dificuldades encontradas na escola por crianças de algumas etnias devem-se não a idiossincrasias genéticas, mas ao fato de que os conteúdos curriculares, os recursos e as experiências cotidianas de ensino e aprendizagem, as formas de avaliação e os modelos organizativos das escolas promovem a construção de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores vinculados à cultura de um determinado grupo.

Uma reflexão sobre o legado cultural das diferentes raças ou etnias e a análise de materiais e práticas excludentes

Tabela 13 – Proficiência Média segundo o *Sexo*, por *Série e Disciplina* – Brasil, Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Ensino Fundamental								Ensin	
	4ª				8ª					
	Leitura		Matemática		Leitura		Matemática		Leitura	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
BR	172	182	177	172	250	254	262	246	278	277
CO	184	188	187	178	245	258	262	247	289	280
GO	190	196	194	189	241	256	258	242	295	277

Fonte: MEC/INEP/DAEB

dissimuladas no interior da escola certamente poderão contribuir para a elaboração de estratégias de inclusão e linhas de atuação que possibilitem um melhor aproveitamento de todos os alunos, especialmente dos que atualmente apresentam níveis de desempenho mais baixos.

Proficiência Média por Escolaridade dos Pais

No Brasil, assim como nas diversas regiões do País, é possível perceber uma tendência de aumento da proficiência média dos alunos, conforme aumenta o grau de escolarização tanto do pai quanto da mãe. Os dados do SAEB apontam para o efeito claramente positivo da escolaridade da mãe sobre o rendimento do aluno. A escolaridade do pai parece ter um impacto um pouco menor nos índices de proficiência do aluno.

Os dados relativos à escolaridade dos pais representam uma das possibilidades de aferição do nível socioeconômico da família dos alunos pesquisados e diversos estudos comprovam que o nível socioeconômico da família é claramente muito importante na explicação das diferenças de rendimento escolar dos alunos.

É importante deixar claro que são inúmeros os fatores que ajudam a explicar o melhor rendimento acadêmico dos alunos, conforme aumenta o seu nível socioeconômico. Em primeiro lugar, quanto mais alto o nível socioeconômico do aluno, maior a tendência a uma educação de melhor qualidade ao longo de toda a sua vida escolar. Em segundo lugar, quanto mais rica a família, melhores serão os recursos existentes em sua casa de apoio ao trabalho escolar. Estes são apenas dois exemplos de uma longa lista de fatores intra e extra-escolares que contribuem para explicar esta forte correlação entre nível socioeconômico do aluno e rendimento escolar.

De modo geral, as crianças que mais precisam da escola para dominar habilidades básicas socialmente valorizadas como a leitura e a escrita são, injustamente, as crianças que freqüentam as escolas com pior infra-estrutura, menos recursos pedagógicos, com alta rotatividade de professores, onde trabalham os professores menos qualificados, etc.

Tabela 14 – Proficiência Média segundo a Escolarização dos Pais em Matemática e Português, por Série
Região Centro-Oeste – 1995

Parentesco	Escolaridade	Matemática		Língua Portuguesa	
		8ª	3ª	8ª	3ª
Pai	Nunca Freqüentou	234	271	231	257
	1º Grau Incompleto	238	275	243	270
	1º Grau Completo	252	291	250	284
	2º Grau	271	311	266	295
	Superior	293	351	282	321
Mãe	Nunca Freqüentou	234	277	243	261
	1º Grau Incompleto	237	271	241	267
	1º Grau Completo	251	292	249	281
	2º Grau	273	320	265	298
	Superior	290	342	246	320

Fonte: MEC/INEP/DAEB

6 – Proficiência Média por Tipo de Escola, no Brasil, nas Regiões e em Goiás

Proficiência Média por Zona de Localização da Escola

Existe uma diferença marcante entre os níveis de proficiência média demonstrados pelos alunos que freqüentam escolas das zonas urbanas em comparação com os de zonas rurais. Observa-se, na Tabela 15, a tendência de uma proficiência superior dos alunos de 4ª série da zona urbana em relação aos da zona rural, em todas as regiões do País. A existência de classes multisseriadas, de professores leigos e os problemas de distância e isolamento na zona rural são alguns fatores a serem considerados na análise destas diferenças.

Os dados revelam que os maiores contrastes percebem-se em Leitura e que, com relação à Matemática, a diferença entre a proficiência média dos alunos de escolas urbanas e a dos alunos de escolas rurais, é relativamente menor. Esta tendência pode estar relacionada à menor possibilidade de acesso dos alunos da zona rural à ampla gama de materiais escritos (outdoors, placas, embalagens, etc) que povoam a vida urbana, bem como o acesso a bibliotecas, jornais e revistas, ou seja, produções culturais que podem estar mais diretamente vinculadas a um melhor rendimento em Leitura.

Em Goiás, não foi possível fazer esta comparação, devido à ausência de dados sobre os alunos da zona rural.

Proficiência Média por Localização da Escola na Capital ou no Interior

Tabela 15 – Proficiência Média na 4ª Série do Ensino Fundamental segundo a Zona de Localização da Escola, por Disciplina Brasil, Regiões e Goiás – 1995

UF	Leitura		Matemática	
	Urbana	Rural	Urbana	Rural
BR	**182**	**133**	**179**	**142**
N	159	129	148	128
NE	169	109	161	107
SE	190	147	190	166
S	189	149	186	164
CO	**188**	**129**	**186**	**120**
GO	**192**	**-**	**191**	**-**

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Proficiência Média por Localização da Escola na Capital ou no Interior

Existe uma tendência, no Brasil e nas diversas regiões, como se vê nas Tabelas 16 e 17, de os alunos da capital demonstrarem um nível de proficiência média superior ao nível demonstrado pelos alunos do interior. Na Região Centro-

Oeste, esta diferença diminui um pouco com o avanço da escolaridade.

Em Goiás, percebe-se uma diferença razoável, a favor dos alunos da capital, nas três séries pesquisadas e nas duas disciplinas avaliadas.

Tabela 16 – Proficiência Média, em Leitura, segundo a Localização da Escola na Capital ou no Interior, por Série
Brasil, Regiões e Goiás – 1995

UF	Ensino Fundamental				Ensino Médio	
	4ª		8ª		3ª	
	Capital	Interior	Capital	Interior	Capital	Interior
BR	**195**	**169**	**261**	**248**	**286**	**274**
N	168	146	240	236	272	256
NE	180	151	243	219	268	248
SE	205	178	271	259	294	283
S	204	177	268	255	292	282
CO	**202**	**174**	**267**	**242**	**296**	**274**
GO	**215**	**181**	**273**	**256**	**297**	**278**

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 17 – Proficiência Média, em Matemática, segundo a Localização da Escola na Capital ou no Interior, por Série
Brasil, Regiões e Goiás – 1995

UF	Ensino Fundamental				Ensino Médio	
	4ª		8ª		3ª	
	Capital	Interior	Capital	Interior	Capital	Interior
BR	**191**	**167**	**262**	**249**	**296**	**288**
N	155	139	240	236	279	265
NE	173	145	243	224	287	258
SE	205	180	271	259	298	298
S	194	179	272	256	308	300
CO	**201**	**170**	**270**	**241**	**314**	**282**
GO	**197**	**181**	**283**	**251**	**304**	**289**

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Proficiência Média por Dependência Administrativa

Observando-se os dados de proficiência média por rede de ensino (Tabelas 18 e 19), é possível constatar que os resultados da rede particular são superiores aos da rede pública – municipal e estadual – tanto no Brasil quanto na Região Centro-Oeste.

Para poder fazer uma análise destes resultados, é necessário considerar uma série de fatores, ou seja: que os alunos das escolas particulares pertencem a famílias de um nível socioeconômico mais elevado, com mais anos de escolaridade, e a um grupo social cujas culturas e práticas são valorizadas pela escola.

Para fazer uma comparação justa entre os resultados de alunos de escolas particulares e os de escolas públicas, é necessário primeiro verificar se as clientelas das escolas que estão sendo comparadas são semelhantes. Ou seja, não podemos comparar os resultados dos alunos de uma escola pública que atenda a uma clientela muito carente com os de uma escola particular que atenda a alunos de classe média-alta, afirmando que as diferenças entre as proficiências médias dos alunos das duas escolas resultam unicamente de fatores escolares.

Quando o ponto de partida é o mesmo (ou seja: quando as clientelas das escolas que estão sendo comparadas são semelhantes, oriundas de um mesmo nível socioeconômico) e ainda assim vemos resultados contrastantes em termos de desempenho dos alunos das duas escolas, neste caso seria mais do que justo afirmar que as diferenças na atuação das escolas estão determinando as diferenças de resultado.

Tabela 18 – Proficiência Média segundo a *Rede de Ensino,* em *Matemática e Português,* por Série – Brasil – 1995

Rede	Matemática		Português	
	4ª	8ª	4ª	8ª
Municipal	121	241	164	242
Estadual	146	246	174	248
Particular	201	291	217	277

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 19 – Proficiência Média segundo a *Rede de Ensino,* em *Matemática e Português,* por Série – Região Centro-Oeste – 1995

Rede	Matemática		Português	
	4ª	8ª	4ª	8ª
Municipal	166	267	170	266
Estadual	180	245	185	247
Particular	241	293	230	276

Fonte: MEC/INEP/DAEB

III – Aspectos Relevantes Referentes aos Fatores Contextuais da Região Centro-Oeste e Goiás

Os resultados do SAEB/95 dão sustentação à afirmação de que as proficiências dos alunos em Língua Portuguesa (Leitura) e Matemática resultam de relações estabelecidas entre múltiplos fatores e não apenas de relações causais entre um e outro fator isolado.

Nos questionários respondidos pelos alunos, professores e diretores das escolas que participaram do SAEB, foi possível recolher uma grande variedade de informações referentes à gestão escolar e aos recursos físicos, humanos e pedagógicos das escolas, assim como a fatores contextuais extra-escolares que poderiam estar relacionados ao desempenho dos alunos.

Para efeitos dessa publicação, foram selecionados alguns dados da avaliação de 1995, conforme explicitados no

Quadro 3 – Fatores Avaliados no SAEB/95 (Recorte)

Recursos Físicos	Recursos Pedagógicos	Atores	Gestão da Escola e de Sala de Aula
Estado de Conservação	**Existência e Condições de Uso**	**Perfil**	**Pontos de Vista e Atuação do Professor e do Diretor**
Telhado Paredes Piso Portas e Janelas Banheiros Cozinha Instalações Hidráulicas Instalações Elétricas Carteiras Mesa, Cadeiras e Armários	Biblioteca Laboratório de Ciências Laboratório de Informática Auditório Equipamento de Educação Física Livros Quadro-negro Televisão Vídeo Computador Sala dos Professores Quadra Esportiva	***Professores:*** escolaridade treinamento ***Diretor:*** escolaridade treinamento ***Pais:*** escolaridade participação em reuniões ***Alunos:*** sexo e cor exercício de atividade remunerada permanência na escola freqüência às aulas opinião sobre disciplinas	***Gestão da Escola:*** projeto pedagógico conselho de escola captação de recursos reuniões de professores reuniões de pais conselho de classe problemas e características de gestão ***Processo Pedagógico:*** plano de ensino desenvolvimento do conteúdo adoção de livro didático lição de casa atitude diante de alunos com baixa aprendizagem materiais em sala de aula trabalho em grupo opinião sobre aprendizagem do aluno

quadro incluído a seguir. Trata-se de um recorte feito com o objetivo de chamar a atenção para alguns aspectos considerados importantes para uma compreensão dos resultados obtidos pelos alunos nos diferentes estados e regiões do País.

A seleção e organização dos dados, neste documento, foram feitas tendo como expectativa sua utilização por todos os envolvidos na busca de mudanças nos índices de desempenho dos alunos. Como estas mudanças dependem de decisões tomadas em diferentes instâncias, alguns dados poderão servir como ponto de partida para ações dos gestores das políticas educacionais (características das escolas, professores, diretores, currículo), outros poderão ajudar a alterar as práticas estabelecidas no interior da escola (gestão escolar e pedagógica). Outros, ainda, como os ligados ao nível socioeconômico do aluno, não dependem diretamente das políticas educacionais, mas poderão ser alterados a longo prazo, dado o efeito cumulativo dessas políticas.

É importante enfatizar que os porcentuais explicitados em cada item pesquisado são referentes ao número de alunos avaliados. Assim, por exemplo, quando, na Tabela 35, registra-se na 4ª série do Ensino Fundamental da Região Centro-Oeste 49% para a alternativa estado "Bom" da cozinha da escola, isto deve ser interpretado como 49% dos alunos de 4ª série do Ensino Fundamental da Região Centro-Oeste estudam em escolas cujas cozinhas estão em estado de conservação considerado "Bom".

1 – Perfil dos Alunos Pesquisados

Para compor o perfil dos alunos da Região Centro-Oeste e de Goiás, foram selecionadas informações a respeito de suas seguintes características: sexo, cor, se exercem atividade remunerada, nível de instrução dos pais, sua permanência na escola, freqüência às aulas, alguns hábitos de estudo e sua opinião a respeito das disciplinas avaliadas. Os dados resumidos a seguir foram retirados de questionários respondidos pelos alunos.

Observa-se, na Região Centro-Oeste e em Goiás (Tabela 20), a predominância do sexo feminino, nas três séries pesquisadas, nas duas disciplinas, e que este porcentual aumenta com o decorrer da escolaridade. Estes dados nos revelam que a evasão escolar, nesta região do País, atinge alunos e alunas de forma desigual. Os meninos e jovens de sexo masculino estão deixando a escola numa proporção mais preocupante do que as alunas. Resta indagar sobre os motivos que levam os jovens de sexo masculino a não permanecerem na escola.

Estes dados também nos revelam uma presença expressiva das mulheres na escola, assim como a sua permanência. Este fato pode indicar a possibilidade de aumento de escolaridade da população brasileira, se levarmos em conta a relação positiva entre a escolaridade da mãe e a da criança, anteriormente referida.

Com relação a um outro aspecto do perfil do aluno, verifica-se que, em Goiás, um maior porcentual de alunos pesquisados identificam-se como pardos e que este porcentual diminui com o decorrer da escolaridade. Já o porcentual de alunos que se identificam como brancos aumenta como o avanço da escolaridade.

Tabela 20 – Distribuição de Alunos (%) segundo o *Sexo* e a *Cor*, por Série e Disciplina
Região Centro-Oeste – 1995

Sexo/Cor		Leitura			Matemática		
		4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Sexo	Masculino	45,7	40,4	32,6	46,6	40,5	37,9
	Feminino	53,0	58,2	66,2	52,2	58,9	61,1
Cor	Branco	39,1	43,6	51,5	40,3	42,2	50,7
	Pardo	47,5	43,9	36,5	44,3	45,2	37,7
	Preto	8,3	5,9	5,8	10,9	6,4	4,9
	Amarelo	3,6	5,3	5,3	3,4	5,4	5,2

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 21 – Distribuição de Alunos (%) segundo o *Sexo* e a *Cor*, por Série e Disciplina
Goiás – 1995

Sexo/Cor		Leitura			Matemática		
		4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Sexo	Masculino	47,5	36,6	28,2	45,4	37,9	38,1
	Feminino	51,2	60,7	70,7	52,8	61,3	60,6
Cor	Branco	39,7	39,9	55,0	40,3	39,3	48,6
	Pardo	49,6	47,0	30,7	47,1	46,8	39,7
	Preto	6,4	5,6	6,6	8,7	6,1	3,8
	Amarelo	3,0	6,0	6,7	2,9	6,9	6,6

Fonte: MEC/INEP/DAEB

É possível perceber (Tabela 22) que os alunos de 8ª série do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio, pesquisados na Região Centro-Oeste e em Goiás, em sua maioria, não trabalham. Dentre os que declaram exercer uma atividade remunerada, o maior porcentual refere-se aos que estão sujeitos ao regime de 8 horas diárias de trabalho.

A presença do aluno que trabalha deve representar para a escola a necessidade de repensar conteúdos e habilidades, de forma a contribuir para que o aluno possa enfrentar melhor os desafios dos tempos atuais, que exigem, cada vez mais, um profissional flexível e atualizado.

Tabela 22 – Distribuição de Alunos (%) segundo o *Exercício de Atividade Remunerada*, por Série e Disciplina
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Exercício de Atividade Remunerada	Região Centro-Oeste				Goiás			
	Leitura		Matemática		Leitura		Matemática	
	8ª	3ª	8ª	3ª	8ª	3ª	8ª	3ª
Não	60,9	56,7	59,8	54,3	56,9	60,0	57,3	45,0
Sim 8 horas por dia	17,2	25,1	18,5	25,2	17,7	25,7	19,7	29,1
Sim 4 a 6 horas por dia	8,3	11,9	9,3	12,6	9,2	10,6	10,2	15,6
Sim < de 4 horas por dia	6,5	3,0	5,5	4,1	7,6	2,3	6,4	6,1
Sim Fim de semana	5,0	2,4	5,5	2,7	6,1	0,8	4,6	2,5

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Quanto ao nível de escolaridade dos pais, observa-se que o maior porcentual de alunos da Região Centro-Oeste e de Goiás é o daqueles que declaram que os pais têm o primeiro grau incompleto (Tabela 23). Também podemos constatar que as mães dos alunos pesquisados completaram o primeiro e o segundo graus em maiores proporções do que os pais dos alunos, dado que pode ser explicado pelo fato mencionado anteriormente de que a evasão escolar se manifesta de forma mais pronunciada com os alunos do que as alunas na região e no estado.

Tabela 23 – Distribuição de Alunos (%) segundo a sua Declaração da *Instrução do Pai e da Mãe*, por Série e Disciplina
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Escolaridade do Pai e da Mãe		Região Centro-Oeste				Goiás			
		Leitura		Matemática		Leitura		Matemática	
		8ª	3ª	8ª	3ª	8ª	3ª	8ª	3ª
Nunca Freq.	Pai	7,8	10,9	8,3	8,5	7,0	12,1	8,4	9,0
	Mãe	7,1	8,7	6,1	7,0	6,9	10,1	5,5	8,1
1º Grau Inc.	Pai	37,7	39,8	40,6	40,4	35,5	42,1	39,8	40,3
	Mãe	35,5	39,7	37,7	38,2	32,7	39,7	37,5	40,5
1º Grau	Pai	22,9	14,9	19,7	14,9	25,0	15,1	22,2	17,0
	Mãe	23,5	17,1	24,7	19,3	24,7	16,1	26,5	18,7
2º Grau	Pai	15,3	16,7	14,5	17,7	15,3	15,8	13,6	18,1
	Mãe	18,7	16,7	17,1	18,5	19,7	17,4	16,6	20,5
Superior	Pai	13,6	16,1	14,4	16,3	13,8	14,4	13,4	12,7
	Mãe	13,4	16,9	13,1	15,6	13,9	16,0	12,5	11,4

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 24 – Distribuição de Alunos (%) segundo a declaração de ter *Deixado de Estudar*, por Série e Disciplina
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Aluno deixou de estudar	Região Centro-Oeste						Goiás			
	Leitura			Matemática			Leitura			
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª	4ª
Não	85,2	78,5	73,4	85,3	79,2	75,1	87,6	74,8	70,6	84,1
Sim até 1 ano	10,8	9,0	10,1	11,8	9,2	10,5	8,6	10,1	9,7	13,2
Sim 2-3 anos	3,0	7,1	7,7	2,1	6,3	7,1	3,1	8,3	8,0	1,2
Sim 4 anos ou mais	-	3,7	7,9	-	3,6	5,9	-	4,7	10,4	-

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Em Goiás, assim como na Região Centro-Oeste, como se vê na Tabela 24, a grande maioria dos alunos declarou nunca ter deixado de estudar. Entre aqueles que deixaram de estudar, a porcentagem maior está em torno de 1 ano o tempo de abandono da escola.

Nota-se que o porcentual de alunos que deixaram de estudar aumenta conforme avançam na escolaridade, tanto na Região Centro-Oeste como em Goiás. É preciso que a escola leve em consideração a necessidade de um trabalho na direção da conclusão dos ciclos de estudos sem repetência e da permanência do aluno na escola sem uma quebra na continuidade do processo.

É importante lembrar que os anos de abandono adquirem significados diferentes de acordo com a série. Embora pequeno, exige providências o fato de haver um porcentual de alunos na 4ª série do Ensino Fundamental que afirma ter deixado de estudar por um determinado período.

Se, de certa forma, está quase resolvida, hoje em dia, a questão do acesso escolar, coloca-se hoje a preocupação com a garantia da permanência do aluno na escola e com um aumento de sua proficiência nas disciplinas consideradas fundamentais.

Como se verifica na Tabela 25, o índice de faltas na região e em Goiás é maior conforme aumenta a escolaridade do aluno. Pela declaração dos alunos das três séries, pode-se perceber que, em Goiás, um maior porcentual de alunos afirma ter faltado uns 5 dias até o momento da avaliação. O porcentual de alunos que declara ter faltado uns 15 dias é mais expressivo na 8ª série do Ensino Fundamental e na 3ª série do Ensino Médio.

Levando em conta a imprecisão dos dados, que podem estar subestimados, uma vez que se referem à declaração do aluno e não a levantamentos feitos junto às Secretarias das escolas, é importante questionar os motivos que levam os alunos a faltarem às aulas, uma vez que a presença do aluno na sala de aula é condição básica para a aprendizagem.

A maioria dos alunos da Região Centro-Oeste e de Goiás que fizeram o teste de Língua Portuguesa (Leitura) declarou

Tabela 25 – Distribuição de Alunos (%) segundo a *Quantidade de Faltas Declaradas no Ano de 1995*, por Série e Disciplina Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Quantidade de faltas	Região Centro-Oeste						Goiás			
	Leitura			Matemática			Leitura			
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª	4ª
Não faltei	27,9	13,3	11,8	26,7	13,5	10,5	26,6	11,9	11,7	24,8
Faltei uns 5 dias	52,3	45,3	47,1	54,4	48,0	43,9	53,6	46,3	52,7	54,5
Faltei uns 15 dias	14,7	29,8	27,9	14,2	26,5	30,4	14,3	30,9	25,4	16,2
Faltei uns 30 dias	3,7	5,7	7,7	3,7	6,4	7,4	4,4	5,1	4,7	3,1
Faltei mais de 30 dias	-	4,0	4,1	-	3,4	6,4	-	3,8	3,6	-

Fonte: MEC/INEP/DAEB

gostar de ler (Tabelas 26 e 27). No entanto, um porcentual significativo de alunos, das três séries pesquisadas, declarou gostar pouco, ou concordar somente em parte com a afirmativa "gostar de ler". Este porcentual aumenta com o decorrer da escolaridade.

Uma análise destes dados indica a necessidade de uma reflexão mais profunda a respeito do papel da escola no desenvolvimento do gosto do aluno pela leitura. Ler ou não ler não é apenas uma questão de gosto individual, mas está relacionado a uma rede de influências envolvendo a família, a escola, o meio cultural no qual está inserido e, até mesmo, a atuação do Estado (através de políticas de distribuição de livros de literatura infantil às escolas, por exemplo) na formação do leitor.

Pesquisas mais detalhadas têm revelado aspectos relevantes a respeito do gosto pela leitura, capazes de permitir uma atuação mais objetiva na direção do desenvolvimento do aluno leitor, condição necessária para a aprendizagem de conteúdos desenvolvidos no interior da escola e para uma inserção crítica do sujeito no mundo.

Tabela 26 – Distribuição de Alunos (%) da *4ª Série* do Ensino Fundamental, segundo a Declaração de *Gostar de Ler*
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Gostar de Ler	Região Centro-Oeste	Goiás
Gosto muito	46,1	45,9
Gosto	32,4	32,1
Gosto pouco	14,6	14,2
Não gosto	4,1	5,1

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 27 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração de *Gostar de Ler*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

"Gosto de Ler"	Região Centro-Oeste		Goiás	
	8ª	3ª	8ª	3ª
Concordo totalmente	52,0	44,4	56,4	44,3
Concordo em parte	34,9	44,4	32,2	43,4
Discordo em parte	5,4	5,8	6,1	7,2
Discordo totalmente	2,5	1,2	1,7	0,7

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Aos alunos que fizeram o teste de Matemática foi perguntado se gostavam desta disciplina e se a usavam no dia-a-dia (Tabelas 28 e 29). Em Goiás, a maioria dos alunos de 4ª série pesquisados declarou gostar de Matemática, no entanto, um porcentual elevado de alunos declarou gostar pouco ou não gostar da disciplina, o que deveria levar a um questionamento sobre a maneira como a disciplina vem sendo ensinada em nossas escolas.

Tabela 28 – Distribuição de Alunos (%) da *4ª Série* do Ensino Fundamental, segundo o *Gosto pela Matemática*
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Gosto pela Matemática	Região Centro-Oeste	Goiás
Gosto muito	34,7	36,6
Gosto	29,3	30,0
Gosto pouco	22,2	19,3
Não gosto	11,0	11,0

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 29 – Distribuição de Alunos (%) da *4ª Série* do Ensino Fundamental, segundo o *Uso da Matemática no Dia-a-Dia*
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Uso Matemática no Dia-a-Dia	Região Centro-Oeste	Goiás
Sempre	53,7	55,8
De vez em quando	33,7	32,1
Quase não uso	7,1	6,5
Não uso	2,1	2,4

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 30 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Professor de seu *Nível de Escolaridade*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Escolaridade do Professor	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
1º Grau Incompleto	-	-	-	-	-	-
2º Grau: Magistério	57,3	9,7	3,1	84,2	19,6	7,9
2º Grau: Outros	1,9	10,7	6,2	-	16,2	10,9
Curso Superior: Licenciatura	25,6	42,7	43,4	9,0	25,9	28,9
Curso Superior: Outros	3,4	8,5	12,8	-	10,0	13,5
Pós-graduação	7,3	24,1	30,3	-	20,3	38,8

Fonte: MEC/INEP/DAEB

2 – Perfil dos Professores dos Alunos Pesquisados

Os dados sobre as características dos professores foram levantados a partir de questionários por eles respondidos. Considera-se, nesta publicação, a questão da escolaridade do professor e sua atualização profissional através de treinamentos.

Foram considerados habilitados os professores de 4ª série do Ensino Fundamental que declararam ter feito, no mínimo, o 2º grau, Magistério. Na 8ª série do Ensino Fundamental e na 3ª série do Ensino Médio, foram considerados com formação específica os que fizeram curso superior, licenciatura, ou pós-graduação.

Na tabela abaixo (Tabela 30), podemos constatar que todos os professores de 4ª série de Goiás que se manifestaram (em torno de 93%) declararam que possuem habilitação específica. Já os porcentuais de alunos de 8ª série e da 3ª série do Ensino Médio que estudam com professores que não possuem formação específica ficam em torno de 25%.

Estudos têm apontado para a necessidade de um contínuo aperfeiçoamento do professor, no sentido de propiciar a melhoria de seu desempenho e, conseqüentemente, da proficiência de seus alunos.

Na Região Centro-Oeste, 52% dos alunos de 4ª série do Ensino Fundamental e 40% dos alunos de 8ª série e da 3ª série do Ensino Médio pesquisados estudavam com professores que declararam ter participado de treinamentos no ano anterior à avaliação do SAEB /95 (Tabela 31).

Em Goiás, o porcentual de alunos cujos professores declararam ter participado de treinamento foi maior na 4ª série do Ensino Fundamental (49%) e menor na 8ª série (39%).

Desenvolver uma política de capacitação visando à elevação do nível cultural do professor e sua permanente atualização é responsabilidade do sistema educacional, que deve ofe-

recer oportunidades de formação contínua aos professores, assim como avaliar o impacto desta capacitação na aprendizagem dos alunos.

Tabela 31 – Distribuição de Alunos (%) segundo a *Participação de seu Professor em Treinamentos*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Série		
	Ensino Fundamental		Ensino Médio
	4ª	8ª	3ª
CO	51,6	39,8	39,6
GO	49,4	39,3	45,1

Fonte: MEC/INEP/DAEB

3 – Perfil dos Diretores das Escolas

A partir do questionário do diretor foi possível traçar o seu perfil, considerando características referentes à sua formação geral e específica e a seu treinamento na área de Administração Escolar.

A competência do diretor como administrador das ações educativas precisa ser aperfeiçoada cotidianamente, uma vez que a escola autônoma se encontra em construção. A capacitação continuada do diretor pode ser um momento privilegiado de tematização das práticas de autonomia da escola, em desenvolvimento.

É necessário mencionar que cada estado adota uma política para a escolha dos diretores, da qual pode ou não fazer parte a obrigatoriedade de curso de graduação e a habilitação em Administração Escolar (Tabelas 32 e 33).

No que se refere à formação dos diretores, observa-se (Tabela 32) que, em Goiás, a maioria dos diretores que responderam ao questionário declararam que possuíam, pelo menos, um diploma de curso superior. No entanto, 20% dos alunos de 4ª série, 28% dos alunos de 8ª série e 11% dos alunos da 3ª série do Ensino Médio pesquisados estudavam em escolas cujo diretor possuía somente o diploma de segundo grau.

No que diz respeito à sua formação específica em Administração Escolar (Tabela 33), 49% dos alunos pesquisados da 4ª série, 29% dos alunos de 8ª série e 57% dos alunos da 3ª série do Ensino Médio de Goiás estudavam em escolas cujo diretor possuía habilitação em Administração Escolar.

Tabela 32 – Distribuição de Alunos (%) segundo o *Nível de Escolaridade do Diretor*, por Série – Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Escolaridade do Diretor	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
1º Grau Incompleto	-	-	-	-	-	-
2º Grau: Magistério	17,2	12,4	3,7	20,3	24,6	5,3
2º Grau: Outros	-	1,3	2,0	-	2,9	5,3
Curso Superior: Licenciatura	31,2	36,3	43,6	33,9	23,2	28,3
Curso Superior: Outros	6,8	5,7	7,4	3,4	-	11,2
Pós-graduação	36,4	38,3	33,6	32,2	43,5	38,8

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 33 – Distribuição de Alunos (%) segundo o *Nível de Escolaridade do Diretor* na Área de *Administração Escolar*, por Série Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Escolaridade do Diretor em Administração Escolar	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Graduação com habilitação em Administração Escolar	32,1	23,3	31,1	32,2	5,8	38,8
Pós-graduação em Administração Escolar	16,3	14,7	10,7	16,9	23,2	17,8

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Em Goiás, em torno de 50% dos alunos pesquisados estudavam em escolas cujo diretor declarou ter participado de treinamento naquele ano (1995) – um porcentual bastante elevado. No entanto, seria importante verificar as razões pelas quais um porcentual igualmente elevado de diretores não participou de treinamentos. Este fato poderia estar relacionado ao pequeno interesse despertado pelos cursos de treinamento ou à ausência de mecanismos que viabilizem esta participação (Tabela 34).

Tabela 34 – Distribuição de Alunos (%) segundo a *Participação do Diretor em Curso de Treinamento* na Área de *Administração Escolar*, por Série Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Participação do Diretor em Treinamento	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Sim	45,3	48,4	38,4	50,8	53,6	37,5
Não	52,8	49,8	57,4	49,2	46,4	56,6

Fonte: MEC/INEP/DAEB

4 – Recursos Físicos das Escolas

As informações sobre a qualidade da infra-estrutura física das escolas foram extraídas dos Questionários da Escola, preenchidos pelos aplicadores através da observação direta, com o auxílio do diretor ou da secretária da escola.

É inegável que todos os itens referentes às condições físicas das escolas são fundamentais para seu funcionamento. Pesquisas desenvolvidas relacionam positivamente as condições físicas das escolas ao rendimento escolar dos alunos. Nos Gráficos 9, 10 e 11 observam-se os porcentuais de alunos pesquisados distribuídos de acordo com o estado de conservação dos recursos físicos existentes nas escolas, classificados em: bom (quando não precisam de reparos), regular (quando precisam de pequenas reformas) e ruim (quando precisam de grande recuperação).

Considerando-se os aspectos avaliados, é possível observar que existe uma pequena diferença em relação às condições físicas das escolas de acordo com a série pesquisada.

Gráfico 9: Porcentagem de Alunos X Condições Físicas da Escola 4ª Série Ensino Fundamental – Brasil

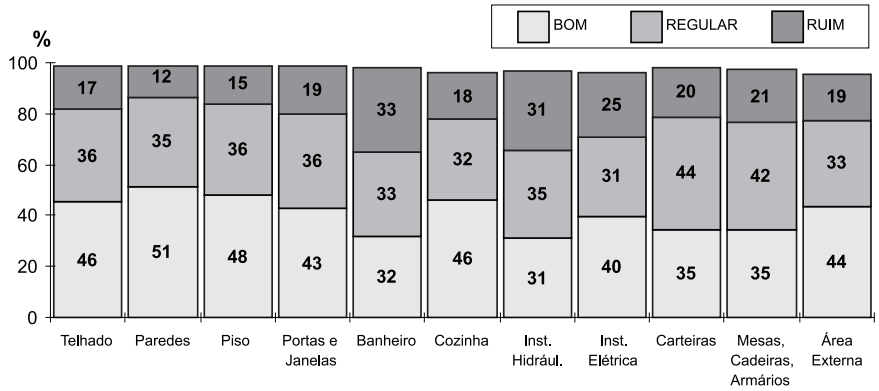


Gráfico 10: Porcentagem de Alunos X Condições Físicas da Escola 8ª Série Ensino Fundamental – Brasil

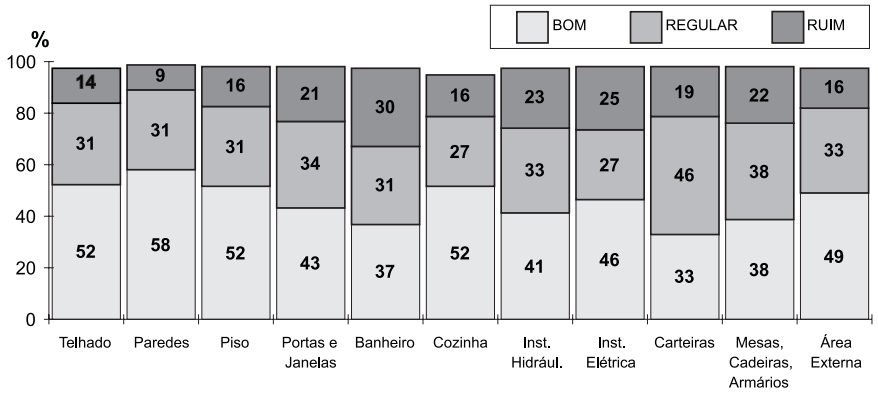
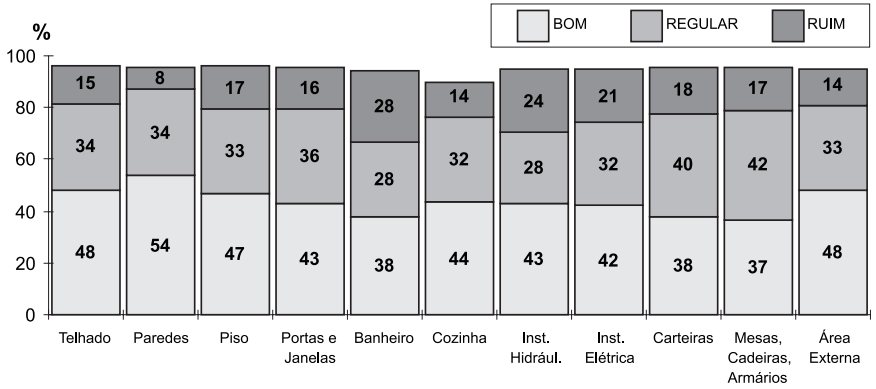


Gráfico 11: Porcentagem de Alunos X Condições Físicas da Escola 3ª Série Ensino Médio – Brasil



Na Região Centro-Oeste, (Tabelas 35, 36 e 37) observa-se que um grande número de alunos estuda em escolas cujas instalações físicas estão ou em bom estado de conservação ou estão precisando de pequenos reparos (estado regular). Também podemos constatar que as condições físicas das escolas dos alunos de 8ª série parecem ser um pouco piores do que as condições das escolas dos demais alunos pesquisados. Vale a pena ainda ser destacado o alto número de alunos, das três séries pesquisadas, que estudam em escolas cujas instalações elétricas, hidráulicas e banheiros estão necessitando de grandes reparos.

Em Goiás, também podemos constatar que grande parte dos alunos estudam em escolas cujas condições físicas estão em estado bom ou regular de conservação. No entanto, também são muito altos os porcentuais de alunos de 8ª série pesquisados no estado estudando em escolas precisando de grandes reparos em algumas áreas, como as mencionadas acima. Na 3ª série do Ensino Médio, também são altos os porcentuais de alunos estudando em escolas que precisam de reparos importantes no piso, nas carteiras e nas instalações hidráulicas. Podemos constatar que as condições das escolas dos alunos de 8ª série são piores do que as das demais escolas pesquisadas.

Tabela 35 – Distribuição de Alunos (%) da *4ª Série* do Ensino Fundamental, segundo as *Condições Físicas das Escolas que Freqüentam* Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Condições Físicas	Região Centro-Oeste			Goiás		
	Bom	Regular	Ruim	Bom	Regular	Ruim
Telhado	**52,6**	**27,9**	19,5	**68,4**	24,6	7,0
Paredes	**59,2**	**29,2**	11,6	**75,4**	24,6	0,0
Piso	**53,6**	**32,3**	14,1	**66,1**	**33,9**	0,0
Portas/Janelas	**42,1**	**40,9**	17,0	**49,2**	**44,1**	6,7
Banheiros	**35,9**	**30,2**	**33,9**	**49,1**	**29,8**	21,1
Cozinha	**49,4**	**34,7**	15,9	**60,0**	**29,1**	10,9
Inst. Hidráulicas	**32,4**	**35,8**	**31,8**	**44,1**	**49,2**	6,7
Inst. Elétricas	**37,6**	**30,4**	**32,0**	**57,9**	**28,1**	14,0
Carteiras	**31,2**	**56,9**	11,9	**37,3**	**52,5**	10,2
Mesa/Cadeiras/Arm.	**49,1**	**38,9**	12,0	**66,1**	**27,1**	6,8
Área Externa	**49,8**	**31,4**	18,0	**66,1**	23,7	10,2

Obs: Foram destacados em negrito os porcentuais superiores a 25%.
Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 36 – Distribuição de Alunos (%) da *8ª Série* do Ensino Fundamental, segundo as *Condições Físicas das Escolas que Freqüentam* Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Condições Físicas	Região Centro-Oeste			Goiás		
	Bom	Regular	Ruim	Bom	Regular	Ruim
Telhado	**51,0**	**36,9**	12,1	**57,1**	**42,9**	0,0
Paredes	**56,9**	**33,0**	10,1	**69,6**	21,7	8,7
Piso	**52,7**	**32,8**	14,5	**66,7**	24,6	8,7
Portas/Janelas	**38,1**	**31,3**	**30,6**	**49,3**	**36,2**	14,5
Banheiros	**31,2**	**26,4**	**42,4**	**31,9**	23,2	**44,9**
Cozinha	**41,8**	**41,5**	16,7	**40,6**	**43,5**	15,9
Inst. Hidráulicas	**31,2**	**30,6**	**38,2**	**38,8**	**26,9**	**34,3**
Inst. Elétricas	**38,2**	**27,5**	**34,3**	**46,4**	**26,1**	**27,5**
Carteiras	**25,0**	**45,5**	**29,5**	**26,1**	**43,5**	**30,4**
Mesa/Cadeiras/Arm.	**34,4**	**38,7**	**26,0**	**44,8**	**29,9**	**25,3**
Área Externa	**46,7**	**38,2**	15,1	**52,2**	**30,4**	17,4

Obs: Foram destacados em negrito os porcentuais superiores a 25%.
Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 37 – Distribuição de Alunos (%) da *3ª Série* do Ensino Médio, segundo as *Condições Físicas das Escolas que Freqüentam*
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Condições Físicas	Região Centro-Oeste			Goiás		
	Bom	Regular	Ruim	Bom	Regular	Ruim
Telhado	**52,3**	**39,3**	8,4	**50,0**	**44,7**	5,3
Paredes	**58,4**	**35,3**	6,1	**72,4**	**27,6**	0,0
Piso	**45,6**	**34,9**	19,5	**40,1**	**32,2**	**27,7**
Portas/Janelas	**33,0**	**48,2**	18,8	**34,9**	**49,3**	15,8
Banheiros	**34,6**	**36,8**	**28,6**	**36,3**	**49,3**	17,1
Cozinha	**49,6**	**34,5**	15,9	**50,0**	**32,9**	17,1
Inst. Hidráulicas	**41,1**	**27,4**	**31,5**	**51,3**	21,1	**27,6**
Inst. Elétricas	**45,0**	**30,1**	24,9	**50,7**	**27,6**	21,7
Carteiras	**29,5**	**34,5**	**36,0**	**29,6**	**27,6**	**42,8**
Mesa/Cadeiras/Arm.	**34,5**	**49,2**	16,3	**40,1**	**48,7**	11,2
Área Externa	**48,4**	**35,0**	16,6	**32,8**	**43,3**	23,9

Obs: Foram destacados em negrito os porcentuais superiores a 25%.
Fonte: MEC/INEP/DAEB

5 – Recursos Pedagógicos das Escolas

As informações sobre a existência e a qualidade dos recursos pedagógicos das escolas foram retiradas dos questionários preenchidos pelo aplicador.

No que se refere à existência e às condições de uso dos recursos pedagógicos selecionados, é possível destacar que, na Região Centro-Oeste (Tabelas 38, 39 e 40) os alunos de 4ª série do Ensino Fundamental freqüentam escolas que dispõem de menos recursos pedagógicos do que as escolas dos alunos de 8ª série e da 3ª série do Ensino Médio.

Em Goiás, no que se refere à existência e às condições de uso dos recursos pedagógicos, também podemos constatar que os alunos de 4ª série do Ensino Fundamental frequentam as escolas menos equipadas. São altos os porcentuais de alunos desta série estudando em escolas que não dispõem de recursos como equipamento de educação física ou uma quadra de esportes. As escolas dos alunos de 8ª série parecem ser as que dispõem de mais recursos. No entanto, ainda assim chama a atenção o alto porcentual de alunos de 8ª série estudando em escolas que não possuem um laboratório de ciências.

Tabela 38 – Distribuição de Alunos (%) da *4ª Série* do Ensino Fundamental, segundo as *Condições de Uso* dos *Recursos Pedagógicos das Escolas que Freqüentam*
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Recursos Pedagógicos	Região Centro-Oeste				Goiás			
	Bom	Reg.	Ruim	Não existe	Bom	Reg.	Ruim	Não existe
Biblioteca	**27,2**	22,4	17,6	**32,8**	**35,6**	**27,1**	16,9	20,4
Lab. Ciências	9,0	1,6	0,6	**88,8**	13,6	0,0	0,0	**86,4**
Lab. Informática	4,4	2,8	0,0	**92,8**	3,5	7,0	0,0	**89,5**
Auditório	9,6	4,0	0,0	**86,4**	18,2	7,3	0,0	**74,5**
Quadra Esportes	**28,7**	15,2	18,6	**37,5**	**42,1**	14,0	3,5	**40,4**
Equip. Ed. Física	19,6	**26,1**	17,5	**36,8**	**27,5**	**27,5**	11,8	**33,2**
Sala Professores	**53,4**	**32,1**	8,7	5,8	**62,7**	23,7	10,2	3,4
Livro	**29,9**	**45,8**	19,6	4,7	**37,3**	**39,2**	19,6	3,9
Quadro-Negro	**53,5**	**32,9**	13,6	0,0	**63,2**	**29,8**	7,0	0,0
Televisão	**72,6**	10,9	1,7	14,8	**86,4**	6,8	0,0	6,8
Videocassete	**66,2**	7,3	4,9	21,6	**86,4**	6,8	0,0	6,8
Computador	14,8	0,6	0,0	**84,6**	17,5	0,0	0,0	**82,5**

Obs: Foram destacados em negrito os porcentuais superiores a 25%.
Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 39 – Distribuição de Alunos (%) da *8ª Série* do Ensino Fundamental, segundo as *Condições de Uso* dos *Recursos Pedagógicos das Escolas que Freqüentam*
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Recursos Pedagógicos	Região Centro-Oeste				Goiás			
	Bom	Reg.	Ruim	Não existe	Bom	Reg.	Ruim	Não existe
Biblioteca	21,8	**29,7**	24,0	24,5	23,2	**26,1**	**26,1**	24,6
Lab. Ciências	18,7	8,6	2,4	**70,3**	23,2	8,7	2,9	**65,2**
Lab. Informática	15,1	4,2	0,6	**80,1**	23,2	5,8	0,0	**71,0**
Auditório	14,5	10,6	1,4	**73,5**	20,3	14,5	0,0	**65,2**
Quadra Esportes	20,0	**39,5**	24,0	16,5	**29,0**	**37,7**	10,1	23,2
Equip. Ed. Física	22,2	**30,1**	**32,1**	15,6	**29,0**	**34,8**	**27,5**	8,7
Sala Professores	**43,4**	**32,5**	20,4	3,7	**55,1**	21,7	17,4	5,8
Livro	**26,8**	**40,8**	**27,2**	5,2	**37,7**	**36,2**	20,3	5,8
Quadro-Negro	**41,8**	**36,8**	21,4	0,0	**52,2**	**30,4**	17,4	0,0
Televisão	**62,7**	15,9	9,8	11,6	**60,9**	8,7	10,1	20,3
Videocassete	**66,6**	9,1	8,5	15,8	**66,7**	5,8	4,3	23,2
Computador	**28,8**	3,6	1,7	**65,9**	**26,9**	3,0	0,0	**70,1**

Obs: Foram destacados em negrito os porcentuais superiores a 25%.
Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 40 – Distribuição de Alunos da *3ª Série* do Ensino Médio segundo as *Condições de Uso* dos *Recursos Pedagógicos das Escolas que Freqüentam*
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Recursos Pedagógicos	Região Centro-Oeste				Goiás			
	Bom	Reg.	Ruim	Não existe	Bom	Reg.	Ruim	Não existe
Biblioteca	24,8	**37,9**	18,1	19,2	**29,6**	**27,6**	21,7	21,1
Lab. Ciências	21,8	8,4	7,0	**62,8**	**28,3**	0,0	0,0	**71,7**
Lab. Informática	19,1	2,2	3,0	**75,7**	21,7	0,0	0,0	**78,3**
Auditório	17,3	16,6	4,8	**61,3**	22,4	17,8	0,0	**59,8**
Quadra Esportes	**27,9**	**27,0**	22,9	22,2	6,3	24,3	**29,2**	**40,2**
Equip. Ed. Física	**33,9**	21,3	23,8	21,0	**40,1**	10,5	22,4	**27,0**
Sala Professores	**47,0**	**40,9**	9,5	2,6	23,7	**60,5**	15,8	0,0
Livro	**35,7**	**36,8**	22,6	4,9	**54,5**	**28,0**	17,5	0,0
Quadro-Negro	**59,2**	**31,5**	9,3	0,0	**67,8**	21,7	10,5	0,0
Televisão	**68,8**	19,6	10,8	0,8	**77,6**	16,5	5,9	0,0
Videocassete	**72,2**	9,2	7,5	11,1	**89,5**	0,0	0,0	10,5
Computador	**39,1**	4,4	3,4	**53,1**	**47,9**	6,3	0,0	**45,8**

Obs: Foram destacados em negrito os porcentuais superiores a 25%.
Fonte: MEC/INEP/DAEB

6 – Gestão das Escolas

Estudos voltados para questões relacionadas à gestão da escola demonstram a existência de uma relação positiva entre a autonomia da escola e a melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos. No SAEB/95, diretores e professores responderam às perguntas relativas às características de gestão das escolas dos alunos avaliados.

Dentre estes dados, selecionou-se para esta publicação aqueles relacionados às metas da escola, ao desenvolvimento de um projeto escolar próprio, à participação de professores, pais e alunos neste projeto, à existência de um conselho de escola e à freqüência de suas reuniões, às fontes de captação de recursos financeiros e aos problemas de gestão encontrados. Os dados levantados contribuem para uma análise inicial e apontam para a necessidade de pesquisas ou avaliações locais a respeito destes aspectos característicos das escolas.

A Tabela 41 traz dados relativos às metas presentes no plano de trabalho da escola, segundo declaração do diretor. Nela, podemos constatar que a maioria dos diretores, tanto do Centro-Oeste como de Goiás, declarou que a melhoria do processo ensino-aprendizagem e o cumprimento das atividades escolares constituem metas de suas escolas.

Os dados da tabela também revelam algumas informações preocupantes, que merecem consideração. É bastante preocupante, por exemplo, o fato de que uma diminuição nos índices de evasão não foi destacada como uma meta a ser alcançada nas escolas onde estudam cerca de 55% dos alunos do Ensino Fundamental e 40% dos alunos da 3ª série do Ensino Médio pesquisados em Goiás. Uma diminuição nos índices de reprovação tampouco aparece mencionada como uma meta dos diretores das escolas de cerca de 50% dos alunos de 4ª série do Ensino Fundamental, 30% dos alunos de 8ª série e 40% dos alunos do Ensino Médio pesquisados no estado.

Tabela 41 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Diretor das *Metas Presentes no Plano de Trabalho da Escola* para o Ano Letivo, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Metas do Plano de Trabalho da Escola*	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Cumprimento dos conteúdos	49,2	71,5	50,4	49,2	84,1	54,6
Melhoria do processo de ensino-aprendizagem	67,0	77,3	70,2	66,1	78,3	78,9
Diminuição da evasão	44,1	49,7	40,6	40,7	46,4	62,5
Diminuição da reprovação	51,9	64,6	51,9	47,5	69,6	61,8
Cumprimento das atividades escolares	69,4	73,2	61,6	72,9	81,2	66,4

* Dados que resultam da escolha de mais de uma alternativa do questionário.
Fonte: MEC/INEP/DAEB

Para atingir as suas metas, é indispensável que a escola elabore um projeto próprio. Na Região Centro-Oeste, observa-se que somente em torno de 50% dos alunos pesquisados estudam em escolas que desenvolvem projeto próprio (Tabela 42). Em Goiás, os porcentuais oscilam entre 36% e 46%.

Tabela 42 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Diretor de *Desenvolvimento de Projeto Próprio por Parte da Escola* para o Ano Letivo, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Série		
	Ensino Fundamental		Ensino Médio
	4ª	8ª	3ª
CO	45,2	47,7	51,3
GO	35,6	46,4	46,1

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Os mecanismos utilizados pela escola para elaboração de seu projeto expressam seus compromissos com a elevação da qualidade do ensino. Para tanto, a participação da comunidade escolar é fundamental.

A Tabela 43 traz dados relativos à participação dos professores no plano de trabalho da escola. Das escolas pesquisadas, constatamos que entre 36% e 51% dos alunos pesquisados do Centro-Oeste e de Goiás estudam em escolas que possuem um projeto próprio (Tabela 42). No entanto, nem sempre os professores participam de sua elaboração, como os dados da Tabela 43 nos revelam. Os índices de participação dos professores vão de 57% a 79%, aproximadamente.

Tabela 43 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do *Professor de Ter Participado da Elaboração do Plano de Trabalho da Escola*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Série		
	Ensino Fundamental		Ensino Médio
	4ª	8ª	3ª
CO	69,5	61,7	57,4
GO	79,1	66,5	61,5

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 44 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Diretor de *Participação de Pais e Alunos na Elaboração do Plano de Trabalho da Escola*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Série		
	Ensino Fundamental		Ensino Médio
	4ª	8ª	3ª
CO	26,0	19,1	26,5
GO	23,7	11,6	23,0

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Na Região Centro-Oeste, assim como em Goiás, a participação de pais e alunos na elaboração do plano de trabalho da escola parece estar aos poucos se concretizando, segundo a declaração dos diretores (Tabela 44). No entanto, os dados ainda indicam a necessidade de um trabalho mais efetivo na direção desta participação.

Um aspecto a ser considerado é que as instâncias de participação de professores, pais e alunos não são as mesmas e que a construção de um trabalho que estreite os vínculos entre família e escola coloca-se como um desafio para a maioria das escolas pesquisadas.

A participação da comunidade escolar como forma de democratizar as relações no interior da escola tem expressão também nos conselhos de escola. Os porcentuais de alunos, das três séries pesquisadas, da Região Centro-Oeste, que estudam em escolas onde funciona um conselho de escola ficam em torno de 50% (Tabela 45). Já em Goiás, estes porcentuais são um pouco mais elevados, ficando entre 61% e 74%. Tais dados, entretanto, ainda apontam a necessidade de encaminhamentos institucionais e práticos no sentido de se efetivar o trabalho do conselho como instância privilegiada de decisões coletivas, em todas as escolas.

Nas escolas onde existem os conselhos, estes parecem atuantes: na maioria dos casos, reúnem-se pelo menos uma vez por mês ou uma vez por bimestre (Tabela 46).

Tabela 45 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Diretor da *Existência de Conselho de Escola*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Série		
	Ensino Fundamental		Ensino Médio
	4ª	8ª	3ª
CO	50,3	55,9	52,0
GO	61,0	73,9	62,5

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 46 – Distribuição de Alunos (%) segundo a *Freqüência de Reuniões do Conselho de Escola*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Periodicidade das Reuniões do Conselho de Escola	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Pelo menos uma vez por mês	27,0	17,8	39,5	11,1	3,9	28,4
Pelo menos uma vez por bimestre	57,5	54,9	42,4	72,2	62,7	44,2
Pelo menos uma vez por semestre	14,3	17,7	14,5	16,7	25,5	27,4
Apenas uma vez	-	7,5	3,5	-	7,8	-
Nenhuma vez	1,2	-	-	-	-	-

Fonte: MEC/INEP/DAEB

A autonomia financeira da escola é fundamental para o desenvolvimento de seu projeto. No que se refere à captação dos recursos financeiros pelas escolas (Tabela 47), observa-se que três fontes de recursos foram bastante mencionadas pelos diretores: os repasses feitos pela Secretaria Estadual ou Municipal de Educação, a captação junto à comunidade e os recursos provenientes da APM.

Tabela 47 – Distribuição de Alunos (%) Segundo a Declaração do Diretor das *Fontes de Captação de Recursos Financeiros* para a Escola, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Fontes de Captação de Recursos Financeiros *	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Repasse feito pelo MEC/FNDE	36,9	32,1	29,8	16,9	15,9	17,1
Repasse feito pela Secretaria Estadual/Municipal de Educação	49,3	56,6	52,1	25,4	49,3	48,7
Recursos captados junto à comunidade	55,8	47,5	33,3	59,3	44,9	21,7
Recursos provenientes da APM	30,3	41,7	32,5	27,1	42,0	27,6
Não houve captação de recursos financeiros pela escola	6,9	2,5	-	13,6	5,8	-

* Dados que resultam da escolha de mais de uma alternativa do questionário.
Fonte: MEC/INEP/DAEB

Em relação aos problemas citados pelos diretores que mais dificultaram a gestão da escola (Tabela 48), três problemas foram bastante citados, tanto no Centro-Oeste como em Goiás: a insuficiência de pessoal técnico-administrativo, a rotatividade dos professores e a insuficiência de recursos financeiros. Bastante mencionado também, pelos professores dos alunos de 8ª série, foi o problema do número insuficiente de professores.

Tabela 48 – Distribuição de Alunos (%) segundo os *Problemas Citados pelo Diretor que Dificultaram a Gestão da Escola*, por Série Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Problemas de Gestão da Escola *	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Número insuficiente de professores	23,1	37,3	34,6	10,2	24,6	10,5
Número insuficiente de pessoal técnico-administrativo	45,8	43,9	51,1	30,5	24,6	38,8
Interrupção das atividades escolares	28,2	35,2	24,7	16,9	14,5	-
Rotatividade de professores	40,3	43,0	48,3	35,6	21,7	44,1
Insuficiência de recursos financeiros	71,4	68,5	71,8	84,7	69,6	82,9

* Dados que resultam da escolha de mais de uma alternativa do questionário.
Fonte: MEC/INEP/DAEB

Indagados sobre as características presentes em sua maneira de administrar a escola (Tabela 49), cerca de 20% a 30% dos alunos do Centro-Oeste, das três séries pesquisadas, estudam em escolas cujo diretor deixou de apontar o acompanhamento do trabalho da escola ou dos professores como sendo características de seu estilo de gestão. As demais alternativas do questionário também obtiveram índices significativos de *não-menção*.

Em Goiás, os dados também revelam porcentuais significativos e preocupantes de não-menção de determinadas características de gestão.

Tabela 49 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Diretor das *Características da sua Gestão da Escola*, por Série Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Características da Gestão da Escola*	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Organização da estrutura administrativa da escola	74,2	77,3	78,7	76,3	79,7	73,0
Acompanhamento do trabalho pedagógico dos professores	73,2	77,2	72,2	66,1	79,7	78,3
Análise e discussão com professores sobre mecanismos para avaliação dos alunos	67,8	72,5	59,6	59,3	79,7	71,7
Estímulo à participação dos professores e equipe técnica e administrativa nas decisões relativas à administração da escola	77,4	72,6	63,5	72,9	59,4	55,3
Participação da comunidade na administração da escola	60,3	51,0	43,0	61,0	53,6	44,1
Controle e acompanhamento do trabalho da escola	66,7	83,2	67,0	59,3	85,5	82,9
Iniciativa de promoção de palestras, cursos e seminários, etc. para professores	46,0	42,0	36,6	55,9	37,7	38,2

* Dados que resultam da escolha de mais de uma alternativa do questionário.
Fonte: MEC/INEP/DAEB

7 – Processo Pedagógico das Escolas

Para obter informações sobre o processo pedagógico das escolas, foram coletados dados através de questionários preenchidos pelos professores dos alunos avaliados. As variáveis analisadas a seguir referem-se ao planejamento do trabalho do professor, às possibilidades de reuniões com colegas,

às suas expectativas em relação à aprendizagem dos alunos, ao conteúdo de ensino, à utilização de alguns materiais em sala de aula e aos contatos com os pais.

As reuniões de professores podem representar uma possibilidade de realização do compromisso coletivo com o processo educativo. O que se constata, em relação ao funcionamento do Conselho de Classe (Tabela 50), é que este procedimento pedagógico de avaliação do aluno é utilizado pela grande maioria dos professores dos alunos pesquisados das três séries de Goiás.

Tabela 50 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Professor sobre o *Funcionamento do Conselho de Classe*, por Série Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Série		
	Ensino Fundamental		Ensino Médio
	4ª	8ª	3ª
CO	75,5	93,5	85,9
GO	86,7	96,4	89,1

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Os dados resumidos na Tabela 51 revelam que, ainda que um número elevado de professores busque reunir-se com colegas para discutir questões relativas ao ensino e à aprendizagem, quando invertemos os números da tabela para analisar quantos professores não mencionaram determinada finalidade, é possível perceber que um número bastante significativo de professores não se reúne com seus colegas para compartilhar determinados assuntos discriminados no questionário.

Por exemplo, se 79% dos alunos de 4ª série de Goiás estudam com professores que declararam que uma das finalidades de reuniões com os colegas é buscar soluções para os problemas de ensino e aprendizado, isso significa que 20% dos alunos desta série de Goiás têm professores que deixaram de mencionar esta alternativa e que, conseqüentemente, não a consideram pertinente. Portanto, em 20% dos casos, o professor de 4ª série do Ensino Fundamental não se reúne com colegas para buscar soluções para problemas relativos ao processo de ensino-aprendizagem com os quais está se deparando em sala de aula. Um dado bastante preocupante.

É possível observar, também, que 10% dos alunos de 8ª série do Ensino Fundamental e 20% dos alunos da 3ª série do Ensino Médio pesquisados em Goiás têm professores que afirmaram que não tiveram oportunidade de se reunir com os colegas até o momento da pesquisa, o que revela o absoluto isolamento de alguns professores no estado.

Tabela 51 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Professor das *Finalidades de Reuniões com Colegas*, por Série Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Finalidade de Reunião de Professores*	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	4ª
Analisar dificuldade dos alunos	70,5	66,0	54,6	86,7	61,4	47,0
Discutir conteúdo das disciplinas	55,2	38,8	42,6	67,2	28,1	34,2
Discutir aprovação e reprovação de alunos	36,5	38,1	36,8	58,8	34,6	24,0
Elaborar planos conjuntos	60,6	33,0	36,5	75,7	26,7	34,2
Buscar soluções para problemas do processo de ensino-aprendizagem	73,9	64,8	58,9	79,1	58,3	55,3
Não teve oportunidade de se reunir com colegas	1,3	5,6	14,4	-	10,0	20,1

* Dados que resultam da escolha de mais de uma alternativa do questionário.
Fonte: MEC/INEP/DAEB

A importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos tem sido destacada em inúmeros estudos.

Na Região Centro-Oeste, assim como em Goiás, estão na 4ª série do Ensino Fundamental os maiores porcentuais de alunos cujos professores declararam solicitar reuniões com os pais para tratar do desempenho escolar de seus filhos. À medida que avançam as séries, diminui o porcentual de alunos cujos professores fazem essa solicitação (Tabela 52).

Quando chamados, na maioria dos casos os pais dos alunos de 4ª série atendem ao chamamento do professor (Tabela 53). Já na 8ª série do Ensino Fundamental a maioria dos pais atendem às vezes ao chamamento do professor. As razões por detrás desta presença irregular na escola não foram exploradas no SAEB/95. No entanto, é possível especular que fatores como a dificuldade de comparecer devido a horários de trabalho incompatíveis com os horários das reuniões, ou então a própria maneira como são tratados quando comparecem (em alguns casos) podem contribuir para explicar este baixo comparecimento.

Tabela 52 – Distribuição de Alunos (%) segundo a *Solicitação do Professor aos Pais para que Compareçam a Reuniões* para Tratar de Assunto Relacionado ao Desempenho do Aluno, por Série Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Série		
	Ensino Fundamental		Ensino Médio
	4ª	8ª	3ª
CO	91,3	73,5	50,3
GO	86,7	70,1	54,6

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 53 – Distribuições de Alunos (%) segundo a Declaração do Professor sobre o *Atendimento dos Pais à Solicitação para Reunião*, por Série Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Presença dos Pais nas Reuniões	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Freqüentemente	52,0	33,0	16,9	75,7	21,7	8,6
Às vezes	40,1	50,9	52,1	11,0	58,1	62,8
Nunca	-	2,3	1,6	-	4,6	-

Fonte: MEC/INEP/DAEB

A opinião dos professores a respeito das potencialidades de seus alunos tem sido considerada por estudiosos como um dos determinantes do sucesso escolar. A pergunta do questionário que deu origem à Tabela 54 permite perceber a opinião do professor em relação a dois aspectos da questão:

- a distribuição de seus alunos em relação às suas possibilidades de aprendizagem e

- os fatores determinantes da aprendizagem do aluno: suas potencialidades, o trabalho da escola, o ambiente em que vivem e a organização do sistema escolar.

É possível perceber (Tabela 54), nas três séries pesquisadas da Região Centro-Oeste e de Goiás, que um maior porcentual de alunos estuda com professores que acreditam que a maioria é capaz de aprender, desde que seu potencial seja adequadamente desenvolvido.

Outro dado da tabela também merece ser destacado: o fato de que cerca de 55% dos alunos de 4ª série do Ensino Fundamental pesquisados em Goiás têm professores que declararam que a maioria dos alunos consegue aprender porque a proposta pedagógica da escola inclui o acompanhamento com vistas ao sucesso escolar, um dado muito positivo.

Tabela 54 – Distribuição de Alunos (%) segundo a *Opinião do Professor sobre a Aprendizagem dos Alunos da Escola*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Opinião do Professor sobre a Aprendizagem dos Alunos	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
A maioria é capaz de aprender, desde que seu potencial seja adequadamente desenvolvido	44,6	53,7	54,1	31,9	48,4	54,9
A maioria consegue aprender, porque a proposta pedagógica desta escola inclui o acompanhamento com vistas ao sucesso escolar	39,6	22,5	24,5	54,8	20,3	26,0
A maioria, apesar de se esforçar, não consegue aprender devido a limitações que traz do ambiente em que vive	6,7	16,9	11,7	-	25,2	16,4
A maioria não consegue aprender, porque a estrutura do sistema e o funcionamento da escola dificultam o sucesso escolar	0,6	5,0	6,6	-	4,6	2,6

Fonte: MEC/INEP/DAEB

A opinião do professor sobre a aprendizagem do aluno e sobre os seus próprios conhecimentos a respeito dos conteúdos a serem desenvolvidos influenciam o planejamento de seu trabalho. Os dados da Tabela 55 resumem os aspectos que os professores dos alunos avaliados levam em consideração ao elaborar seu plano de ensino.

Tabela 55 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Professor do que *Considerou ao Elaborar seu Plano de Ensino*, por Série Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Considerações do Professor ao Elaborar o Plano*	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Carga horária prevista para a série e disciplina	37,2	50,4	53,5	42,9	57,7	39,1
Quantidade e complexidade do conteúdo a ser desenvolvido	65,5	56,3	67,7	71,5	62,5	69,4
Domínio que o professor tem dos conteúdos previstos para sua série e disciplina	50,5	29,2	17,9	66,7	33,9	2,6
Distribuição da carga horária segundo a importância atribuída a determinados pontos do conteúdo	55,8	59,3	48,0	62,4	62,5	39,8

* Dados que resultam da escolha de mais de uma alternativa do questionário.
Fonte: MEC/INEP/DAEB

A pergunta que vem à mente após uma leitura dos dados contidos na tabela acima é, inevitavelmente, "que espécie de plano de ensino pode desconsiderar a relação entre carga horária e conteúdo a ser desenvolvido?" Estes dados preocupam pela revelação do alto grau de improviso no trabalho de muitos professores tanto do Centro-Oeste, como um todo, como de Goiás, especificamente.

Observa-se (Tabela 56) que os porcentuais de alunos de Goiás cujos professores declararam adotar o livro didático oscilam em torno de 60%, nas três séries pesquisadas:

A adoção do livro didático pelos professores é uma tradição escolar que contribuiu, em muitos casos, para que o professor deixasse de se perguntar a respeito de conteúdos e formas de trabalho diferenciadas. Trata-se, no entanto, de uma questão a ser compreendida em seu contexto mais amplo, levando-se em conta a quantidade de alunos que estudam em escolas onde não existem bibliotecas ou mesmo livros, o pouco tempo do professor para a pesquisa e para a preparação de materiais mais interessantes e a sensível melhoria da qualidade dos livros didáticos nos últimos anos, graças a avaliações e ações desenvolvidas pelo Ministério da Educação.

Tabela 56 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Professor de *Adoção de Livro Didático*, por Série Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

UF	Série		
	Ensino Fundamental		Ensino Médio
	4ª	8ª	3ª
CO	66,1	64,4	55,7
GO	58,2	63,9	63,5

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Para que a adoção do livro didático possa contribuir para a autonomia e formação crítica do leitor, devem fazer parte integrante do trabalho de sala de aula uma análise crítica de seus conteúdos e a explicitação de concepções discriminatórias, preconceituosas ou equivocadas que porventura contenha o livro.

Além do livro didático, outros textos têm sido utilizados para leitura, pelos alunos. A prática de solicitar a leitura de livros e o uso de revistas e jornais como lição de casa (Tabelas 57 e

58) parece instituída, ainda que de forma ainda assistemática, em muitos casos, na maioria das escolas freqüentadas pelos alunos da Região Centro-Oeste e de Goiás.

Percebe-se, também, que os alunos de 4ª série do Ensino Fundamental utilizam estas leituras com mais freqüência dos que os demais alunos pesquisados. Na tabela seguinte, podemos constatar que são significativos os porcentuais de alunos de 8ª série e da 3ª série do Ensino Médio que não lêem livros nunca ou quase nunca como lição de casa.

Além da freqüência, o que se coloca em questão é o tipo de texto lido, as formas utilizadas para a seleção das obras, o caráter de obrigatoriedade ou não da leitura e o trabalho que é feito a partir dela. Esta é uma pesquisa a ser desenvolvida localmente, uma vez que pode ajudar a compreender a queda dos porcentuais de alunos que afirmam gostar de ler, à medida que avançam os anos de escolaridade (ver Tabelas 26 e 27).

Tabela 57 – Distribuição de alunos (%) segundo a Declaração de *Ler Livros como Lição de Casa*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Freqüência de Leitura de Livros como Lição de Casa	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Sempre	18,5	13,3	16,6	18,3	14,6	18,8
Quase sempre	17,1	15,6	13,0	18,8	16,3	13,5
Às vezes	49,7	40,1	40,4	47,0	39,5	43,7
Quase nunca	-	13,6	11,0	-	13,8	6,7
Nunca	11,8	14,7	16,9	12,7	13,9	15,6

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Tabela 58 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração de *Usar Jornais e Revistas como Lição de Casa*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Freqüência de Uso de Jornais e Revistas como Lição de Casa	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Sempre	8,3	3,5	6,0	7,6	4,4	8,4
Quase sempre	10,7	7,7	9,0	11,4	9,3	11,8
Às vezes	61,6	44,3	42,0	61,5	47,5	45,0
Quase nunca	-	21,5	19,5	-	20,9	18,0
Nunca	16,5	20,8	21,7	16,7	15,9	15,7

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Para constituir-se em local onde o trabalho é coletivo, a escola precisa trabalhar esta idéia em suas várias instâncias, inclusive na sala de aula. Daí a necessidade que o professor tem de desenvolver algumas atitudes nos alunos que os familiarizem progressivamente com uma cultura de cooperação e participação.

Os dados da Tabela 59 revelam que o trabalho em grupo está instituído como prática pedagógica nas três séries pesquisadas, ainda que sua utilização seja esporádica, num grande número de casos.

Tabela 59 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Professor de *Promover Atividades em Pequenos Grupos* em Sala de Aula, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Freqüência de Atividades em Pequenos Grupos	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Sempre	45,6	36,4	35,5	44,4	39,4	49,7
Às vezes	46,7	61,0	56,2	42,4	59,1	42,4
Nunca	-	2,5	8,3	-	1,4	7,9

Fonte: MEC/INEP/DAEB

O desenvolvimento dos conteúdos curriculares constitui uma preocupação, tanto para os professores quanto para os pais dos alunos. Em novembro de 1995, a maioria dos alunos pesquisados de Goiás estudava com professores que afirmaram que já haviam trabalhado 80% ou mais do conteúdo previsto (Tabela 60).

Tabela 60 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Professor da *Quantidade de Conteúdo Previsto já Desenvolvido até o Momento da Avaliação*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Quantidade de Conteúdo Desenvolvido	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Todo o conteúdo	23,5	16,5	31,2	33,9	17,4	30,6
Cerca de 80%	66,4	65,8	50,5	52,8	58,8	45,1
Aproximadamente a metade	3,2	17,0	14,4	-	22,3	19,1
Menos da metade	-	0,6	3,0	-	1,4	5,3

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Os dados resumidos na Tabela 61 revelam que a dificuldade de aprendizagem dos alunos foi apontada como causa do não-desenvolvimento dos conteúdos pelos professores de um expressivo porcentual de alunos de 8ª série do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio pesquisados no estado. A falta de tempo devido à suspensão das aulas foi outra causa bastante citada pelos professores destes alunos. Com relação a este tema, não dispomos de dados sobre os professores dos alunos de 4ª série de Goiás.

Tabela 61 – Distribuição de Alunos (%) segundo a Declaração do Professor das *Causas de Ter Desenvolvido menos de 80% do Conteúdo Previsto*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Causas do Não-Desenvolvimento do Conteúdo Previsto	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Falta de tempo devido à suspensão de aulas por fatores diversos	-	31,0	33,7	-	33,5	44,6
Dificuldade de aprendizagem dos alunos	48,8	39,3	41,9	-	45,1	44,6
Falha no planejamento das atividades do Plano	-	-	-	-	-	-
Falta de domínio completo de determinados pontos do conteúdo	-	-	-	-	-	-
Não ter trabalho com a turma desde o início do ano	11,4	13,5	14,1	-	6,1	10,8

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Em relação à atitude assumida pelo professor quando mais de 50% de seus alunos apresentam médias baixas (Tabela 62), observa-se que, na quase totalidade dos casos, ou o professor não desenvolve novos conteúdos até que a maioria dos alunos aprenda ou então segue adiante conforme planejado, mas desenvolvendo atividades de reforço.

Tabela 62 – Distribuição de Alunos (%) segundo a *Atitude do Professor quando mais de 50% de Seus Alunos Apresentam Médias Baixas*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Atitude do Professor	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Não desenvolve novos conteúdos até que a maioria dos alunos aprenda o que está sendo ensinado	35,5	43,5	37,3	23,4	45,5	35,9
Segue adiante, desenvolvendo novos conteúdos, conforme planejamento	-	0,4	4,4	-	-	7,9
Segue adiante, conforme seu planejamento, mas desenvolve paralelamente atividades de reforço	54,7	50,9	47,0	63,3	51,6	42,4
Deixa o conteúdo não dominado para ser revisto no período de recuperação	-	2,7	6,6	-	1,4	11,2

Fonte: MEC/INEP/DAEB

Na Tabela 63, podemos ver que, tanto no Centro-Oeste como em Goiás, a maioria dos alunos pesquisados, das três séries, estudava com professores que declararam que cerca de 80% de seus alunos seriam aprovados no final do ano. Estes números confirmam que o problema da repetência persiste num alto número de turmas de 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental, e até mesmo na 3ª série do Ensino Médio, de Goiás e da Região Centro-Oeste como um todo.

Tabela 63 – Distribuição de Alunos (%) segundo a *Expectativa do Professor a Respeito da Quantidade de Alunos que Devem Ser Aprovados*, por Série
Região Centro-Oeste e Goiás – 1995

Quantidade de Alunos que devem ser aprovados	Região CO			Goiás		
	4ª	8ª	3ª	4ª	8ª	3ª
Praticamente todos os alunos	40,9	30,5	37,0	47,2	27,5	25,3
Cerca de 80% dos alunos	45,8	60,1	59,2	39,5	63,8	69,4
Aproximadamente a metade dos alunos	2,8	4,9	3,3	-	2,9	5,3
Menos da metade dos alunos	-	1,7	-	-	-	-

Fonte: MEC/INEP/DAEB

IV – Considerações Finais

Para que a análise dos dados do SAEB/95 possa contribuir para a criação de estratégias voltadas para um melhor desempenho dos alunos e para a escolha de linhas de atuação mais eficazes do sistema de ensino, torna-se necessário refletir a respeito das complexas relações entre os resultados obtidos e seus fatores contextuais.

Ponto de partida para a análise de alguns aspectos da situação das escolas em cada estado, os resultados do SAEB não substituem a realização de avaliações locais a respeito de aspectos característicos das escolas. Identificar em cada região e estado características que lhes são próprias constitui um desafio permanente para os sistemas de ensino e para as Secretarias de Educação.

Os dados contidos nesta publicação são indicadores da complexidade das questões educacionais. O que emerge da avaliação feita pelo SAEB/95 é que são muitos os fatores que podem estar contribuindo para um desempenho aquém do desejável por parte de nossos alunos. Cabe, portanto, a cada um (Ministério da Educação, Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, diretores, professores, técnicos escolares, famílias e alunos) a sua parte para que possamos superar os atuais níveis bastante modestos de desempenho de nossos alunos.

Precisamos de escolas mais bem equipadas e em melhores condições de funcionamento, precisamos de diretores e professores mais bem formados, que tenham passado e continuem passando por oportunidades de treinamento e reciclagem, precisamos de uma maior troca de experiências e ajuda mútua entre os docentes, de diretores que estabeleçam metas claras para a escola como um todo e de equipes escolares preocupadas em diminuir os atuais níveis altíssimos de reprovação e evasão de nosso sistema de ensino.

Estes são apenas alguns dos fatores mencionados neste relatório e destacados nesta conclusão que podem contribuir para melhorar os atuais níveis de desempenho de nossos alunos. Esta meta, assim como a de formar jovens com valores sólidos, confiantes em si mesmos, solidários com os demais e com iniciativa e competência para encarar os desafios do futuro, devem nos guiar em nossa busca e nosso empenho por uma escola e uma sociedade cada vez mais justas e melhores.

V – Referências Bibliográficas

CANDAU, Vera M. (Org.). *Magistério:* construção cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1997.

CARVALHO, Celia P. *Ensino noturno:* realidade e ilusão. São Paulo: Cortez, 1993.

COSTA, Marisa V. (Org.). *Escola básica na virada do século*. São Paulo: Cortez, 1996.

COSTA, Vera Lúcia C. (Org.). *Gestão educacional e descentralização:* novos padrões. São Paulo: Cortez, Edições FUNDAP, 1997.

GOMES NETO, João Batista F. et al. *Educação rural:* lições do Edurural. São Paulo: Edusp, 1994. 236 p. (Coleção Campi, 11).

DEMO, Pedro. *Avaliação sob o olhar propedêutico*. Campinas: Papirus, 1996.

MELLO,G.N. Escolas eficazes: um tema revisitado. In: XAVIER, A.C.R. et al. (Org.). *Gestão Escolar:* desafios e tendências. Brasília: IPEA, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TEDESCO, J.C. Estratégias de desarrollo y educación: el desafio de la gestión publica. In: EZPELETA, Justa, FURLÁN, Alfredo. (Org.). *La gestión pedagógica de la escuela.* Santiago: UNESCO, OREALC, 1992.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo